

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL – PPGAS

MARIA JULIA SILVA MARQUES

**ENTRE ESPIRITUALIDADE, CORPO E CURA: UMA ETNOGRAFIA SENSORIAL
DA APOMETRIA**

CAMPO GRANDE, MS

2025

MARIA JULIA SILVA MARQUES

**ENTRE ESPIRITUALIDADE, CORPO E CURA: UMA ETNOGRAFIA
SENSORIAL DA APOMETRIA**

Dissertação apresentada à defesa de mestrado acadêmico, como requisito parcial, para a obtenção do título de mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), sob a orientação do Prof. Dr. Francesco Romizi.

CAMPO GRANDE, MS

2025

A Edilson e Zulma.

AGRADECIMENTOS

É com muita gratidão que manifesto meu apreço a todos os membros do grupo de Apometria, que me acolheram, foram compreensíveis e atenciosos durante minha presença. Este trabalho não teria sido possível sem a participação de cada um deles, e a cada nome presente aqui.

Nesta jornada como iniciante na Antropologia, enfrentei alguns desafios no caminho. Aos poucos fui conhecendo e me apaixonando pela área da Antropologia da Religião.

Agradeço ao meu orientador Prof. Francesco Romizi, por seu acolhimento, bons ensinamentos, paciência no meu processo e confiança em minha pesquisa. Levo-o como grande referência profissional como professor.

À banca examinadora, minha sincera gratidão pela generosidade intelectual e pelas valiosas contribuições que enriqueceram significativamente este texto. Em especial à Prof.^a Flávia Dalmaso, que fez parte da minha formação em Antropologia, da qual também tive o grande prazer de assistir suas aulas e ser introduzida ao campo da Antropologia da Religião.

Aos professores e professoras do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, agradeço por cada aula e escuta. À Prof.^a Priscila Lini, que fez parte indiretamente deste trabalho e da minha formação em Antropologia Social, me dando a oportunidade de ingressar no LABFOR, me instigando a fazer parte de projetos e pesquisas.

À Prof.^a Dilza Porto, minha querida orientadora da graduação, que se dispôs a me ouvir e aconselhar quando eu surgi com a ideia desta pesquisa.

Aos colegas do PPGAS pelas discussões, dicas, orientações e trocas de conhecimentos feitos ao longo do mestrado. Em especial às minhas amigas Bárbara, pelo apoio ao longo desses anos e Maria do Carmo pelas leituras do meu texto e por nossas trocas de conhecimentos.

Aos queridos membros do grupo de Apometria e de estudo, Cajamar, Zulma, Lea, Walkiria, Taís, Wânia e Nelson. Agradeço a cada um que deu o seu melhor, acolhendo minhas ideias e permitindo a minha presença em seus locais de trabalho.

Aos consultantes/pacientes que me privilegiaram com suas experiências de vida e conhecimento sobre Apometria.

À minha família: meu pai, que desde sempre me incentivou a ingressar em um mestrado e acreditou em mim. Minha mãe, por todo o apoio tanto na vida quanto neste trabalho. Minha tia Cajamar que possibilitou e apoiou esta pesquisa.

A meu parceiro de vida, André, por ter segurado minha mão neste processo, nas altas e baixas.

Aos meus amigos de longa data, que sempre me incentivaram e acompanharam em todas as etapas desse processo.

A todos vocês meu mais sincero obrigada. Nossos caminhos não se cruzaram por acaso.

“Há mistérios que os homens jamais serão capazes de entender, mas que ainda sim
os envolvem”.

Drácula – Bram Stoker.

RESUMO

Esta dissertação se dedicou a uma etnografia sensorial da Apometria, explorando a intersecção complexa entre espiritualidade, corpo e cura no contexto do grupo apométrico "Amor e Caridade" em Campo Grande/MS. O cerne da investigação residiu em desvendar como essa prática se estabelece como uma "técnica", e não uma religião, e de que maneira ela produz cura e sentido em um campo híbrido que desafia e, ao mesmo tempo, reforça as fronteiras entre o discurso científico e as crenças espirituais. A análise se concentrou nas terapias espirituais e nos significados atribuídos ao corpo, à doença e à saúde pelos médiuns e pacientes, revelando um sistema de crenças coerente e eficaz para seus praticantes. Para capturar a natureza imaterial e experiencial da Apometria, a pesquisa adotou uma abordagem etnográfica marcada pela etnografia sensorial e pelo conceito de afetação. Métodos como o desenho etnográfico e as rodas de conversa foram essenciais para descrever o campo, construindo uma descrição densa e polifônica, valorizando o ponto de vista dos interlocutores. Teoricamente, a análise rompeu com o dualismo cartesiano ao considerar o corpo não apenas como um objeto biológico, mas como o instrumento principal da cura e o local da experiência espiritual, manifestado na complexa concepção de corpo dentro da Apometria. A Apometria se firma, assim, como um valioso objeto de estudo para o contínuo diálogo sobre as tensões e complementaridades entre ciência e crença, demonstrando a importância da dimensão espiritual e corporal nas buscas contemporâneas por bem-estar e cura.

Palavras-chave: Apometria; Terapia Espiritual; Etnografia Sensorial; Corpo.

ABSTRACT

This dissertation focused on a sensory ethnography of Apometry, exploring the complex intersection between spirituality, body, and healing in the context of the apometric group “Amor e Caridade” in Campo Grande, Mato Grosso do Sul. The core of the investigation was to uncover how this practice establishes itself as a “technique” rather than a religion, and how it produces healing and meaning in a hybrid field that challenges and, at the same time, reinforces the boundaries between scientific discourse and spiritual beliefs. The analysis focused on spiritual therapies and the meanings attributed to the body, illness, and health by mediums and patients, revealing a coherent and effective belief system for its practitioners. To capture the immaterial and experiential nature of Apometry, the research adopted an ethnographic approach marked by sensory ethnography and the concept of affectation. Methods such as ethnographic drawing and conversation circles were essential for describing the field, constructing a dense and polyphonic description, valuing the interlocutors' point of view. Theoretically, the analysis broke with Cartesian dualism by considering the body not only as a biological object, but as the main instrument of healing and the site of spiritual experience, manifested in the complex conception of the body within Apometry. Apometry thus establishes itself as a valuable object of study for the ongoing dialogue about the tensions and complementarities between science and belief, demonstrating the importance

Keywords: Apometry; Spiritual Therapies; Sensory Ethnography; Body.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Leis da Apometria.....	23
Figura 2 - Múltiplos corpos	25
Figura 3 - Cachoeira de Shambala.....	29
Figura 4 - Malha Crística.....	30
Figura 5 - Auditório	34
Figura 6 - Mago Negro e Quiumba	37
Figura 7 - Ondina.....	38
Figura 8 - Desenho do grupo atendendo.....	44
Figura 9 - Representação dos comandos	47
Figura 10 - Representação dos comandos 2	47
Figura 11 - Representações dos comandos 3.....	48
Figura 12 - Representação dos comandos 4	48
Figura 13 - Representação dos comandos 5	48
Figura 14 - Os sete corpos sutis.....	58

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 A APOMETRIA	18
2.1 A Apometria	18
2.2 O grupo apométrico Amor e Caridade	20
2.3 Leis e aplicações	22
2.4 Os corpos.....	24
2.5 Termos e comandos	28
2.6 As interlocutoras	30
2.7 O grupo de estudos	32
3 UMA ETNOGRAFIA DOS ATENDIMENTOS ESPIRITUAIS.....	42
3.1 Abrindo a faixa vibracional: os atendimentos no grupo Amor e Caridade	42
3.2 Os atendimentos espirituais segundo os pacientes.....	54
3.3 As terapias espirituais segundo os médiuns	57
4 A APOMETRIA, ESPIRITUALIDADE E SAÚDE.....	64
4.1 Espiritualidade e saúde: novos modos de cura e experiência	64
4.2 As fronteiras entre ciência e religião na Antropologia	68
4.3 Secularização e a transformação do religioso	71
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS.....	77

1 INTRODUÇÃO

Antes de tudo, acredito ser necessário expor minha motivação para este trabalho; não fui muito longe para encontrá-la, mesmo assim sempre me despertou muita curiosidade. Nasci em um ambiente familiar muito espiritualizado, no sentido de ter contato desde sempre com muitas religiões diferentes. Em uma família em que sempre foi normal falar sobre espíritos, aparições, magia entre outras crenças, por mais que fosse naturalizado, esse universo espiritual ainda me choca e me fascina. Ouvi falar pela primeira vez sobre a Apometria por meio da minha tia Cajamar. Ao longo de alguns anos ela se debruçou sobre os estudos da “técnica” e se apropriou dela para realizar seus atendimentos. Esse assunto passou a ser recorrente; sempre que algum familiar se queixava de algum problema, seja físico ou não: “Vamos tratar na Apometria”, “Vou fazer um atendimento para você”.

Anos atrás (e não me recordo quantos exatamente), fui atendida também. Posso dizer que pela minha ingenuidade (ainda era muito nova) e minha falta de experiência e conhecimento sobre religiões e afins, não consegui entender o que estava acontecendo; pessoas sentadas em um círculo (médiuns) e eu (paciente) sentada no meio. Tudo que eu me lembrava – até voltar para fazer meu campo – era de palavras “aleatórias” e estalos de dedos, no intuito de resolver algum problema que eu estava tendo na época. Desde então, a Apometria foi um mistério para mim, esse algo de que muito se falava no meu meio familiar e agregados; pessoas que me contavam que tinham sido curadas ou melhoraram bastante depois de terem sido tratadas nesses atendimentos.

Vi então, a possibilidade de trazer para o campo acadêmico essa prática, que dentro do meu meio familiar era famosa, e fora é pouco conhecida. Durante minhas observações participantes, meu objetivo passou a ser entender, sobretudo, como funcionava a Apometria e de onde se originava sua eficácia. Além do mais, interessava-me compreender como a Apometria se difere do que comumente entendemos por religião, se denominando como técnica e se validando constantemente através de um discurso científico. Desta forma, questiono, de que maneira a Apometria produz cura e sentido ao construir-se como técnica e não como religião em um campo híbrido entre ciência e espiritualidade. Meu foco é observar a relação entre espiritualidades, corpo e saúde, tendo a Apometria, como um lugar que produz essas relações.

A noção da espiritualidade, hoje, já passa a ser individualizada. A individualização é um processo no qual o sujeito passa a ser o ponto de referência central para si mesmo e para

a sociedade. Segundo Ulrich Beck (1986: 209) ela é um processo no qual “cada um mesmo se torna a unidade de reprodução vital do social”. Beck (1986) discorre a respeito de algumas dimensões que levaram à individualização do sujeito, uma delas é a dissolução de elos e formas sociais, que foram historicamente construídas por uma figura de autoridade. Essa mudança social libertou as pessoas de papéis sociais tradicionais, como classe, família e religião. Neste caso, a individualidade deu à espiritualidade o aval para ser melhor aceita na ciência; um exemplo disso é sua inserção na esfera da biomedicina, pois a partir do dia 22 de janeiro de 1998 a OMS acrescentou a espiritualidade como uma dimensão a saúde¹:

Em maio de 1983, durante a 37ª Assembleia Mundial de Saúde, uma decisão histórica foi tomada: a “dimensão espiritual” foi integrada ao programa de estratégia da saúde dos Estados membros da OMS. [...] Quatorze anos mais tarde, o grupo especial do comitê executivo da entidade, destacado para revisar sua constituição, propôs que o preâmbulo do documento, onde se define o que é saúde, fosse alterado para: saúde é um estado dinâmico de completo bem-estar físico, mental, espiritual e social, e não apenas a ausência de doenças ou enfermidades. Em janeiro de 1998, os membros do comitê executivo endossaram a proposta e a resolução foi adotada pela OMS. (Khayat, 1998, apud Toniol 2015: 203).

Minha reflexão acerca disso vem justamente com a minha pesquisa onde me aprofundo sobre os tratamentos espirituais, tópico muito comum entre os sujeitos espiritualizados, procurados para ou complementar com o tratamento médico, ou segui-lo sozinho. O objetivo é compreender quais são os sentidos que a Apometria coloca a respeito da cura, do corpo e da doença, bem como investigar como as pessoas vivem e sentem a espiritualidade com o corpo.

A Apometria é uma prática voltada para a cura, vinculada sobretudo com o espiritismo, bem como a elementos religiosos do catolicismo e religiões de matriz africana; além disso, dentro dela são executadas também as “cirurgias espirituais”, que sempre geram um debate envolvendo a ciência, o espiritismo e as relações existentes entre eles. Com efeito, segundo Almeida et al. (2000, p. 197) “esse tipo de ‘terapia’, em nosso país, não se opõe à biomedicina, mas procura funcionar de modo complementar; como sendo uma terapia complementar, a Apometria valoriza essa complementação do tratamento junto ao da medicina.

A ciência e religião, no mundo ocidental, por mais que historicamente sempre tenham estado interligadas, acabam por se configurar como dois polos inconciliáveis, com diversos

¹SALGADO,

Mauro

Ivan.

<https://www.ufmg.br/boletim/bol1551/segunda.shtml#:~:text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20de%20Sa%C3%BAde,do%20mundo%20inteiro%20a%20se>

argumentos de ambos os lados. Essa discussão está presente na Antropologia desde seus primórdios. Observamos isso em Frazer (1978), que defendia uma divisão evolutiva do pensamento humano em estágios, nos quais o mais primitivo seria o estágio associado à magia, seguido pelo da religião, e o mais avançado, o da ciência. No entanto, Frazer entende a magia como uma conduta guiada por relações de causa e efeito, na qual, segundo Asher Brum (2023), “magia não é aqui um conjunto de crenças, mas a aplicação de métodos, algo muito próximo do que chamamos de ciência”. A ciência surgiria da experiência, e a magia seria produzida pela tradição (Frazer, 1978). Malinowski (2022) é outro autor que se propõe a entender - sob o ponto de vista que considera racional - a noção de magia dentro das crenças dos povos primitivos. Ele afirma que, entre esses povos, mesmo elas possuindo um pensamento "selvagem", no qual religião e magia estão interligadas, ainda assim havia ciência: “Não há povos sem religião e sem magia – ambas estão presentes mesmo nas populações mais primitivas. Também não existem, acrescentemos de imediato, raças selvagens desprovidas de atitude científica ou de ciência, embora tal falta lhes seja constantemente atribuída” (Malinowski, 2022, p. 6).

Trago discussões acerca de autores considerados clássicos na Antropologia para chegar a meu ponto central: a tenuidade das fronteiras entre ciência e magia/religião. Malinowski em 1922, traz uma “virada de chave” nas teorias evolucionistas anteriores, as confrontando, trazendo a fusão da teoria com o trabalho de campo. De acordo com Mariza Peirano (1990) importa menos a validade de suas propostas (muitas das quais são consideradas ultrapassadas) e mais a permanência das teorias (sobre magia, mitologia, linguagem, etc.) que resultaram do encontro entre Malinowski e os trobriandeses.

A Apometria, técnica que utiliza da espiritualidade e da corporalidade, pode ser analisada também a partir dos conceitos de Marcel Mauss (2018), que traz uma importante reflexão sobre as técnicas corporais. Para ele, o primeiro instrumento do homem é o próprio corpo. Esse ponto é interessante, já que a Apometria não utiliza de objetos e instrumentos para conseguir se comunicar com o mundo espiritual e para realizarem as cirurgias, o instrumento é o corpo.

O objetivo que me guiou, durante a observação participante dos atendimentos foi tentar me aproximar do que Clifford Geertz (2008) propõe da descrição densa. Tentei ir com a mente livre de julgamentos, mesmo que com alguns estranhamentos naturais. No entanto, tenho o entendimento de que nenhuma escrita e nenhum discurso são neutros; o que observei e o que me disponho a escrever aqui parte de um ponto de vista formado por curiosidade e interesse pessoal, mas que acabou, até mesmo inconscientemente, por transformar o familiar

em exótico, pois meu familiar é intrínseco ao meu cotidiano e rotina, mas isso não significa que não haja também estranhamentos (Damásio, 2021).

A ideia de que o discurso nunca é neutro, conforme ela é desenvolvida dentro das ciências humanas, sempre me foi familiar. Durante minha formação em História, tive contato com alguns teóricos advindos do movimento da Escola de Annales², entre eles Roger Chartier (1991). Já que meu trabalho de conclusão de curso foi voltado para a literatura, compreendi que é necessário se ater ao fato de que nenhum documento literário é neutro, pois além do seu criador, existem, algumas materialidades para as que devemos voltar nossa atenção no momento de análise de um texto, para não correr o risco de um anacronismo (Chartier, 1991).

A questão da autoridade etnográfica também foi trabalhada para a construção deste texto. Essa crítica etnográfica, trabalhada por James Clifford (1998), questiona a produção do conhecimento antropológico, que é o texto. Denunciando e desmitificando o estilo realista das etnografias que pretendiam ser factuais, mas que na realidade nada mais eram que textos construídos, carregados de escolhas políticas e estéticas (Clifford, 1998). Tento, desta forma, na presente pesquisa, seguir um dos caminhos que Clifford propõe, para não cometer o erro de produzir um texto etnográfico apenas sob minha interpretação do objeto analisado. Construindo um texto colaborativo/polifônico, trazendo pontos de vista dos próprios interlocutores a respeito do campo.

O trabalho de campo é, desta forma, formado de conhecimentos, mas também das opiniões e dos preconceitos do seu etnógrafo, além dos discursos de “seus” nativos que também expressam suas opiniões. Sendo assim, a etnografia nada mais é que uma construção, já que é uma interpretação do campo; cabe ao autor/antropólogo também, escolher quais relações de poder estarão presentes em seu texto ou não.

A base para esta etnografia seguiu o que Sarah Pink (2021) chama de etnografia sensorial. Ela propõe uma maneira de fazer antropologia pelos sentidos, que amplia o olhar clássico da etnografia para incluir o ver, ouvir, tocar, cheirar e sentir como partes fundamentais da experiência humana e do trabalho de campo.

Durante meu tempo em campo, tive uma experiência um tanto incomum, que me levou a interligá-la à experiência que Jeanne Favret-Saada (2005) relata sobre seu campo. Com certeza foi uma afetação acidental, mas que me levou a enxergar e experienciar o

² Movimento fundado na década de 1920 na França por Lucien Febvre e Marc Bloch, onde tinham como objetivos romper com a história tradicional política e positivista, focando em aspectos sociais, econômicos e culturais.

campo de outra forma, com base na etnografia de Favret-Saada. Logo, não tratei das terapias espirituais como uma “crença dos outros”, distanciando-me delas e adotando uma abordagem objetiva, mas sim ouvindo, sentindo e sendo afetada pelas palavras, fenômenos e sensações percebidas no ambiente durante os atendimentos. Acredito que seja impossível manter-se neutro em relação a um tema que envolva corpo, saúde e espiritualidade, como é o caso deste estudo; é necessário que o observador esteja implicado afetivamente.

Seguindo essa abordagem da afetação e etnografia sensorial, a forma como essa pesquisa foi conduzida, também seguiu o que Pussetti (2016) observa em relação às sensações estarem presentes no campo. Segundo ela (Pussetti, 2016, p. 51), os dados que recolhemos, “são sobretudo fruto de um processo de compreensão mútua, constantemente criados no momento do encontro e do diálogo”.

Essas sensações dentro do campo podem assustar, havendo um medo da perda da cientificidade objetiva da antropologia (Pussetti, 2016): “Muitas vezes é só através da subversão das modalidades de representação tradicionais que conseguimos alcançar formas mais profundas de compreensão” (Pussetti, 2016, p. 52). Nesse caso, trabalhar com a antropologia das sensações, na Apometria, pode viabilizar um conhecimento mais profundo da relação das pessoas com a técnica de cura, incluído no estudo o “ponto de vista” de corpos e experiências.

Entre as técnicas etnográficas utilizadas na presente pesquisa, além de uma etnografia da afetação e da sensorialidade, algo particularmente importante foi o emprego do desenho. O uso do desenho no trabalho funciona como uma ferramenta antropológica, uma forma de percepção e experimentação do campo diferente. Segundo Tim Ingold (2015, p. 441) os desenhos não são representações fiéis do campo como as fotografias, “eles são o traço de um gesto de observação que segue o que esteja acontecendo”:

“O que faz o etnógrafo?” Clifford Geertz perguntou retoricamente uma vez. “Ele escreve” (Geertz, 1973, p. 19). Que perspectiva limitante esta! Tendo em conta que, sob todos os aspectos, o desenho é um instrumento de observação imensamente poderoso, e dado ainda que ele combina observação e descrição em um único movimento gestual, por que tem sido praticamente esquecido em antropologia? (Ingold, 2015, p. 435).

O desenho já fora um tópico banal dentro dos trabalhos de antropologia, as vezes tomado apenas como uma representação de algum gráfico, diagrama etc. O que realmente ocupa o lugar das representações visuais são as imagens, sendo que o desenho é algo mais corpóreo: “Pois o lápis não é uma tecnologia baseada na imagem, nem o desenho é uma imagem. Ele é o traço de um gesto de observação que segue o que esteja acontecendo” (Ingold, 2015, p. 441). Então ele é aquilo que está acontecendo naquele momento, não

fielmente, mas o que o observador entendeu e ali representou no desenho. Dessa forma, não há nada mais emocional, sensorial e fenomenológico do que isso, trabalhar com o desenho dentro do campo.

Ao longo da história da antropologia, o desenho ocupou um espaço ambíguo, aparece e desaparece nos textos, muitas vezes relegado a um papel secundário, como simples ilustração ou apoio a áreas como arqueologia, botânica ou relatos de viagem. Aina Azevedo (2016) em seu artigo “Desenho e antropologia: recuperação histórica e momento atual”, aponta como os antropólogos demonstraram certo desconforto em incorporar o desenho em seus trabalhos, ao contrário da fotografia, que foi consolidada como recurso legítimo de registro etnográfico. Contudo, Tim Ingold (2015), por exemplo, defende o desenho como um “modo de pensar” inseparável do “fazer”, um tipo de conhecimento que se produz “desde dentro” da experiência. Nesse sentido, não se trata do valor estético do traço ou do produto final, mas do processo de desenhar, que exige atenção, tempo e abertura sensível ao campo.

Na mesma linha, Karina Kuschnir (2016) em seu artigo “A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas”, observa como o século XX reforçou o apagamento do desenho, ao passo que a fotografia e as mídias digitais ganharam centralidade na produção etnográfica. Sua proposta é resgatar o potencial criativo do desenho como forma de registro e reflexão, pois ele não representa apenas formas externas, mas traduz experiências, sensibilidades e modos de vida vividos em campo. O desenho é, portanto, uma forma de testemunho, em que a subjetividade e a imersão do pesquisador se tornam parte constitutiva da observação. Mais do que precisão técnica, importa a capacidade de transmitir a vivência e a presença do antropólogo naquele contexto.

Essa revalorização do desenho dialoga com a perspectiva de Chiara Pussetti (2016), ao propor que emoções e sentidos, antes marginalizados como objeto de estudo ou reduzidos a explicações biológicas, passem a ser incorporados como elementos centrais da experiência etnográfica. Foi a partir dos anos 80, que cresceu a compreensão de que as emoções não são meras irracionalidades, mas produzem significados, organizam práticas e orientam narrativas. Assim, ao incluir o sentir como parte do trabalho de campo, o antropólogo reconhece que sua presença e seu envolvimento não são obstáculos ao conhecimento, mas vias legítimas de compreensão.

Dessa forma, desenho e emoções convergem para um mesmo deslocamento metodológico, onde ambos afirmam a importância de uma etnografia sensorial, em que o pesquisador não é apenas observador distante, mas participante. O desenho, ao registrar o

vivido, e as emoções, ao estruturar sentidos, revelam que a experiência etnográfica é sempre marcada por subjetividade, criatividade e testemunho.

Deste modo, a pesquisa foi conduzida pelo modo qualitativo, o método etnográfico representou a base para sua construção. Para acompanhar o tratamento dos pacientes, foram feitas observações dos atendimentos com o consentimento dos médiuns e dos próprios pacientes. Realizei meu campo junto ao grupo de Apometria Amor e Caridade, onde realizei algumas entrevistas com o intuito de compreender o ponto de vista de cada um dos meus interlocutores a respeito da Apometria. Tendo em vista que a entrevista não é um procedimento neutro - sendo, portanto, um evento inserido nas práticas comunicativas em vigor no campo -, observar essas práticas é tão importante quanto obter informações (Sáez, 2013).

Quanto aos médiuns do grupo, foram realizadas quatro entrevistas, e todos concordaram em ser identificados por seus nomes reais. Com os pacientes da Apometria, foram feitas três entrevistas. A maioria optou por manter o anonimato; portanto, os nomes — exceto o de Sophia — foram alterados. O objetivo inicial era realizar mais entrevistas com pacientes da Apometria; no entanto, enfrentei um problema em meu campo, o que exigiu a reformulação das estratégias previstas para a realização do trabalho (falo mais sobre no próximo capítulo).

Também trabalho com a roda de conversa nos encontros do grupo de estudos, pois acredito que a aprendizagem do etnógrafo no campo também vem com a conversa, com o ouvir, daqueles que sabem mais. Desta forma, pensei em como promover conversas que pudessem responder a minhas questões sobre a Apometria e desta forma compreender também a dinâmica do grupo. Então, além das entrevistas, que não foram como planejei, pensei em outra abordagem para tornar rica a minha etnografia, as rodas de conversa.

Em alguns encontros, pedi ao grupo que, após nosso estudo, finalizássemos com algumas perguntas. O intuito era responder a alguns dos meus questionamentos, em forma de roda de conversa, para que assim houvesse maiores contribuições acerca do assunto e reflexões. Essas questões levantadas por mim e respondidas pelo grupo, apareceram durante o trabalho, para explicar algum conceito, contexto ou uma experiência, conforme a teoria trabalhada aqui. O objetivo, trabalhando as rodas de conversa desta forma, é fazer com que meus interlocutores estejam presentes o tempo todo em meu trabalho, e que a Apometria seja explicada por aqueles que sabem muito mais do que eu.

Leandro Rogério Pinheiro (2020) em seu artigo “Rodas de conversa e pesquisa: reflexões de uma abordagem etnográfica” mostra como as rodas de conversa caracterizam-

se por um forte componente dialógico e educativo. Seu principal propósito é fomentar a troca de saberes e a reflexão conjunta, criando um ambiente propício para a partilha de experiências. A condução tende a ser flexível, podendo variar em termos de diretividade, com significativa participação e autonomia dos envolvidos. Um exemplo ilustrativo é a realização de encontros em contextos comunitários, no caso de Pinheiro (2020) com moradoras idosas de um bairro de Porto Alegre/RS, nos quais as próprias participantes influenciam a dinâmica incluindo a organização dos espaços, a presença de familiares e até a partilha de alimentos. Essa informalidade contribui para uma atmosfera de confiança e aproximação ao cotidiano, favorecendo narrativas mais espontâneas e pessoais.

A pesquisa de campo foi realizada em dois momentos; no primeiro, acompanhei o grupo intitulado Amor e Caridade, em seus atendimentos semanais, onde dividi meu tempo como apenas observadora, me aproximando do local e dos membros. Após isso, reservei momentos nesses encontros para entrevistas com aqueles pacientes que estavam presentes e concordavam em serem entrevistados, bem como com os membros do grupo.

No segundo momento, participei dos encontros do grupo de estudos, onde praticamente a maioria dos membros que atendiam estavam presentes. Esse período durou mais que dois anos, pois ao longo dos encontros de estudos eu me envolvia mais com o grupo e compreendia meu campo.

Em um campo um tanto familiar, mas ao mesmo tempo distante – pois de nada eu entendia – e que diferente de muitos outros campos de colegas de mestrado, onde tudo era muito mais dinâmico, material e distante (fisicamente e culturalmente), me vi em um impasse de como trabalhar o meu campo, como o entender e como expressar o que eu gostaria. Não era um local estranho, com idioma e pessoas desconhecidas, na realidade eu sempre me senti muito confortável na maioria das vezes. Mas então como me distanciar desse “familiar”? Segundo Gilberto Velho (1978, p. 5) “O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto, conhecido.” Desta forma, o que é familiar pode esconder complexidades e estruturas invisíveis; há distância social e psicológica até entre pessoas da mesma cidade, classe ou país – ou seja, o “outro” pode estar ao nosso lado. O que é familiar não significa que é compreendido, de acordo com ele:

[...] o familiar, com todas essas necessárias relativizações é cada vez mais objeto relevante de investigação para uma Antropologia preocupada em perceber a mudança social não apenas ao nível das grandes transformações históricas mas como resultado acumulado e progressivo de decisões e interações cotidianas (Velho, 1978, p. 13).

Minha posição no campo é marcada pelo fato de ser parente de duas integrantes do grupo de Apometria. Utilizo o olhar antropológico que Velho (1978) propõe sobre o familiar, atrelado ao o olhar antropológico que Damásio (2021) propõe. Pois em meu campo, mais do que apenas observar o outro (se colocando em seu lugar), entendo que eu também sou o outro, convivo e fui criada com minha tia e minha mãe, todos os conhecimentos sobre religiosidades e espiritualidade foram advindos das minhas parentes.

Ana Clara Sousa Damásio dos Santos (2021) coloca em suas etnografias sobre as mulheres de sua família, que estranhar o familiar ganha outros contornos com a pesquisa entre parentes e dentro da própria família. Segundo ela “não ocorre um “pôr-se no lugar do outro” (Velho, 1978, p. 127) a fim de conhecê-lo, pois eu sou o outro que sempre esteve e está naquele lugar. Eu sou a paisagem que narro, não olho pela janela” (Damásio, 2021, p. 14).

Desta forma, a etnografia de parentesco de Damásio (2021), refere-se a um tipo específico de pesquisa etnográfica realizada entre os próprios parentes e no contexto da própria família do pesquisador. Esta abordagem levanta questões profundas sobre a posição do pesquisador e a natureza do campo, que, neste caso, é descrito como um "processo-de-vida e em-curso-de-vida". A autora explora sua experiência como antropóloga que pesquisa as pessoas que a criaram, situando-se em uma posição única "entre-mundos". Assim sendo, não é o “olho do estranho” que observa o campo, mas sim o “olho do parente”. Da forma trato minha tia e minha mãe como minhas parentes-interlocutoras (Damásio, 2021).

Pelo período em que acompanhei o grupo de Apometria Amor e Caridade nos atendimentos, muito foi observado, coletado e apreendido. No entanto, muita coisa ainda faltava quando o grupo precisou parar de se reunir e encerrar os atendimentos. Na época, e por um tempo, isso foi um problema para mim, como pesquisadora; tentei de várias formas trabalhar com o que eu já tinha, mas parecia que sempre faltava algo.

Até que tive a oportunidade de participar dos estudos do grupo. As reuniões são ministradas por minha tia Cajamar, em sua casa, e frequentadas por boa parte dos membros que atendiam. Falarei mais detalhadamente sobre o grupo de estudos em si no decorrer deste trabalho e sobre os frutos que saíram participando do grupo e estudando a Apometria, no próximo capítulo.

Antes, irei me ater sobre o processo de aprendizagem dentro da Apometria. Assim sendo, utilizo como base, o estudo de Gustavo Ruiz Chiesa (2020) ““A sua religião é a antropologia”: histórias e (des)caminhos de um antropólogo-aprendiz em um terreiro de Umbanda”, onde ele como pesquisador da Umbanda se incorpora afetivamente na religião,

que envolve um grande processo de aprendizagem e experiências daqueles que iniciam. Chiesa, neste trabalho, entende que para se compreender um campo como o de sua pesquisa, era necessário deixar de lado a postura de antropólogo observador, e aprender junto com aprendizes da religião, pois só assim, de fato entenderia os seus “nativos”.

Ele se coloca como um aprendiz na religião da Umbanda para poder utilizar do seu corpo como experimento. Chiesa, utiliza a questão do afeto sendo um devir-cavalo (Goldman, 2003) onde, não significa que eu me torne um cavalo ou que eu me identifique psicologicamente com o animal. Significa que o que acontece ao cavalo pode acontecer comigo”.

A afetação, é sem dúvidas, - em uma opinião pessoal – imprescindível para se entender a religião/crença/rito dos próprios interlocutores. Este trabalho me abriu caminhos para trabalhar com o meu campo, de diversas maneiras, sobretudo porque sempre ouvia de meus interlocutores que para trabalhar com a Apometria era necessário um estudo constante. Outra forma de pensar o meu campo através deste trabalho foi que, apesar de acompanhar os atendimentos, realizar entrevistas, eu ainda não entendia o que era a Apometria e como se dava a relação dos próprios agentes que trabalham com ela entre eles mesmos e eles com a técnica.

Assim como Chiesa (2020), me vi nesse dilema complexo de conciliar a neutralidade acadêmica com a necessidade de ser afetado pela religião para compreendê-la. Ele propõe uma abordagem fenomenológica para aprender sobre o campo, dando “atenção à dimensão corporal, sensorial e afetiva que caracteriza o processo de aprender na prática” (Chiesa 2020). Ele utiliza da educação da percepção de Tim Ingold (2010) que foca na aprendizagem de transmissão, ou seja, o conhecimento do ser humano surge de habilidades (*skills*) que são aperfeiçoadas por meio de interações sociais. Assim, para construir sua teoria, utiliza da abordagem fenomenológica corporificada de Merleau-Ponty (2013), na qual o corpo serve como meio de conhecimento. Assim, o conhecimento é um processo de experiências e desenvolvimento dinâmicos, em que a educação da atenção não implica transferências de representações, mas a percepção de si – enquanto o pesquisador observa/presta atenção no outro – e o engajamento ativo no mundo (Ingold, 2010).

No segundo capítulo, apresento um panorama geral do campo, para que seja possível compreender as relações, os desafios enfrentados e as soluções encontradas ao longo da pesquisa. Falo sobre o que é a Apometria e todas as suas características, bem como sobre o grupo que acompanhei durante os atendimentos e o grupo de estudo. Nele é possível

identificar o método de entrevista que escolhi, resultando em uma rica construção de campo e teoria da própria Apometria.

No terceiro capítulo, apresento minha etnografia do grupo de Apometria Amor e Caridade; trago também as entrevistas realizadas, buscando compreender os pontos de vista sobre as curas espirituais tanto do lado dos médiuns quanto dos pacientes. Neste momento da dissertação, a fenomenologia (Csordas, 2008) e a noção de afetação (Favret-Saada, 2005) constituem as bases para a análise e compreensão do objeto da pesquisa

No quarto capítulo, trago uma discussão mais teórica a respeito da espiritualidade e biomedicina, no que tange à Apometria como prática terapêutica. Sendo assim, estão presentes teorias que foram formuladas ao longo da Antropologia, acerca da dualidade ciência/religião. Entendo que só compreendendo estas discussões que vieram antes (mesmo que já refutadas), é que conseguimos formular e analisar sob ângulos diversificados, nosso campo. Discorro também sobre a importância do corpo, da experiência e da narrativa como instrumento fundamental da cura espiritual.

2 A APOMETRIA

Após a apresentação de meu percurso metodológico e a reflexão sobre minha posição no campo, passo agora a expor o campo que me acolheu durante a pesquisa: o grupo de Apometria Amor e Caridade. Este capítulo tem como objetivo introduzir o contexto no qual a técnica é desenvolvida, descrevendo suas origens, princípios e leis, bem como os sentidos atribuídos pelos médiuns e participantes. A partir das observações em campo, procuro delinear o modo como a Apometria é compreendida e vivenciada por aqueles que dela fazem parte, compondo assim o pano de fundo para as análises que virão nos capítulos seguintes.

Descrevo minha trajetória no campo, meus problemas encontrados e como consegui contorná-los através de uma outra ótica, a do aprendiz. Neste capítulo, apresento meus interlocutores, suas vivências e suas contribuições de conhecimento para a pesquisa. Aqui se elucida a grande pergunta que todos me questionam antes de saberem de minha pesquisa: o que é a Apometria?

2.1 A Apometria

“No que a Apometria se diferencia do Espiritismo?”:

“- A Apometria é um conjunto de técnicas. Técnicas apométricas. Vai envolver energia quântica, vai envolver pulsos magnéticos, o espiritismo não. O espiritismo ele trata o espírito. Entendeu? Então a Apometria numa linguagem bem simplória, ela seria uma massoterapia. E o Espiritismo seria uma oração. uma é uma técnica a outra é oração” (Wania, roda de conversa, 18/08/2025)

“- Então, para você ter uma massoterapia bem feita, você tem que seguir os passos que você aprendeu, aonde começa, por onde que vai, entendeu? Que ponto você aperta, você pega para você poder fazer direito. Você tem que seguir os passos. E o espiritismo já é a oração” (Zulma, roda de conversa, 18/08/2025).

“- O ideal é unir os dois. Existem apômetros que nem precisam ter a sensibilidade mediúnica. Através das técnicas ele consegue desdobrar, tratar, limpar, só que tem um detalhe, ele não vê. Porque ele não tá usando a intuição, a parte espiritual, mas funciona. Mas, é, quando você une a espiritualidade com a Apometria, aí é muito mais efetivo. Você vê o resultado, né? A gente consegue ver o resultado” (Cajamar, 18/08/2025).

A definição apresentada foi fruto de uma das rodas de conversa com o grupo de estudos. Mesmo entendendo que espiritismo e Apometria não significavam a mesma coisa, ou que um não dependia do outro, teoricamente, quis saber a definição por meio de meus interlocutores.

Idealizada na década de 60, em Porto Rico, por um psicoterapeuta, farmacêutico e bioquímico chamado Luiz Rodriguez, ela foi inicialmente denominada como Hipnometria,

De acordo com Luís Rodrigues, nos registros da obra de Azevedo (2007), a hipnometria é uma projeção astral bem controlada, da qual participam o operador, o paciente e seus guias espirituais. Ele afirma que a projeção astral ou o transe hipnométrico pode ser obtido sem necessidade das sugestões do hipnotismo, e menciona a diferença da hipnose e de sua descoberta. Além de mencionar sobre a projeção astral, há informações de que Rodrigues publicou um livro intitulado ‘Godbless de Devil: The key to the libertation of psychiatry’ onde esclarece, entre outras coisas, sobre a importância de a medicina ser focada no corpo e na alma, uma das exigências e objetivos de sua descoberta da hipnometria (Rodrigues, 2016, p. 24).

No Brasil, o primeiro contato da técnica ocorreu no Hospital Espírita de Porto Alegre (HEPA), onde Luiz Rodriguez junto a outros médicos espíritas realizaram experimentos com a hipnometria (Rodrigues, 2016). A técnica despertou o interesse do médico José Lacerda de Azevedo, que passou a aprofundar e sistematizar seus fundamentos, transformando a Hipnometria em um novo método.

Foi o Dr. Lacerda quem, em suas experiências em sua casa espírita, chamada Casa do Jardim, consolidou e renomeou a técnica como Apometria, termo derivado do grego *apo* (além de) e *metron* (medida), para expressar a ideia de ultrapassar limites da matéria através da mente. Ele idealizou a Apometria como uma prática de cura espiritual baseada na projeção do espírito e no uso de “pulsos mentais”, isto é, descargas de pensamento capazes de manipular energias sutis. Com isso, a Apometria se configurou como uma prática híbrida, marcada pelo espírito experimental e pela tentativa de ampliar as fronteiras entre ciência, espiritualidade e terapêutica. De acordo com o Dr. Lacerda, não é uma técnica mediúnica para entrar em contato com o Mundo Invisível (Cavalcanti, 2008), mas pode ser usada como tal.

Enxergo aqui uma noção que podemos observar na divisão do espiritismo como filosofia e o espiritismo como religiosidade. Abro um parêntese aqui para colocar o conceito de religiosidade da mesma forma que Magnani (1999, p. 51), sendo entendida como “estilo peculiar e coletivo de expressar o sentimento religioso”. Percebo essa mesma tentativa, do Sr. Rodrigues de se desvincular da religiosidade, mesmo seguindo da filosofia espírita, enquanto o Dr. Lacerda, também adepto ao espiritismo, flerta com religiosidades. A Apometria do Dr. Lacerda, trabalha com um espiritismo que não é o tradicional francês, mas aquele que já está mesclado com as religiões católicas e afro-brasileiras. É com o *espiritismo mesclado* que a Apometria vai flertar. Observa-se isso na forma como o corpo é visto, baseado na Teosofia do século XIX, onde o corpo pode ser desdobrado para outros planos, “noção provavelmente herdada da tradição hindu” (Lins; Weber, 2015, p. 1582), além dos

elementos da Umbanda, com o auxílio de mentores como Preto-Velhos e Caboclos, por exemplo.

Desta forma, a técnica de Apometria que encontramos hoje pode ser utilizada em contexto religioso e não-religioso. O que define qual caráter a técnica seguirá é o seu contexto. O grupo Amor e Caridade, como já apresentei, segue em um contexto da religiosidade espírita, com preces católicas, doutrina kardecista, e mentores da Umbanda. Em contrapartida, existe a técnica aplicada em contexto não-religioso, em consultórios especializados na Apometria e terapias holísticas. Karine Mendonça Rodrigues (2016), em sua pesquisa sobre a Apometria dentro e fora do consultório, discorre sobre essas distinções, apresentando entrevistas com especialistas na técnica de Apometria apenas como terapia holística. Segundo ela, nos dois contextos a Apometria é igualmente efetiva e que:

O que define o papel do consulente/paciente é o local e como o ritual é entendido, ou seja, no consultório é um atendimento terapêutico como qualquer outra terapia holística, já no centro espírita o atendimento reforça a necessidade de considerar a espiritualidade (mais relacionado com conceito de religiosidade, caridade, reforma íntima), questões ou problemas espirituais (obsessões, vidas passadas, energias densas, etc.) (Rodrigues, 2016, p. 81).

Retomo a discussão a respeito das relações entre Apometria em contexto religioso e não religioso e os debates de “ciência” e “religião” no que tange o espiritismo e terapias complementares, no capítulo quatro, mais especificamente no subtítulo *As fronteiras entre ciência e religião na Antropologia*.

2.2 O grupo apométrico Amor e Caridade

O grupo no qual realizei meu campo se intitula Amor e Caridade; nele minha tia esteve entre os médiuns integrantes desde sua formação em 2017. A Apometria é apresentada como um espaço terapêutico para a cura e não de doutrinação espírita. No grupo Amor e Caridade não existiam apenas membros espíritas, como outros também que se definiam católicos ou de outra religião de vertente espírita, como a Umbanda e até sem religião específica, definindo-se como “espiritualistas”. Mas, uma perspectiva que era compartilhada por todos era a definição cristã de fé e caridade.

O grupo surge da necessidade de os médiuns trabalharem na espiritualidade, ou seja, ajudar o próximo (seja ele encarnado ou não), noção presente no espiritismo de fazer

caridade (Cavalcanti, 1985)³, desta forma não há cobrança pelos atendimentos. Uma dessas formas de caridade seria ajudar ao próximo de um ponto de vista tanto material quanto espiritual. Além disso, eles se autoatendem entre si, pois há muita demanda energética após os trabalhos espirituais, o que não era possível antes:

Trabalhávamos no grupo da Zaida três vezes na semana e nem sempre era possível nos atender devido à grande procura. Então, nós atendemos uma vez, depois outra e sempre tinha alguém conhecido precisando e acabávamos atendendo também. Então, o grupo foi criado e começamos a trabalhar numa sala dentro de um terreiro de Umbanda (Cajamar, entrevista, 24/06/2024).

O grupo que acompanhei já não tinha a exata formação de início; a maioria já não participava mais. Dentre os dias que estive presente notei que apareciam médiuns novos convidados a trabalhar. Dependendo dos dias, o número do grupo era grande, em outros eram poucos os que compareciam:

A princípio a relação era boa, mas após novas pessoas vindas do grupo do terreiro chegarem ao grupo existiram alguns desentendimentos e acabamos mudando de lá. Fomos para um barracão e depois para Casa espírita Casa de Adair, em 2018. Na casa de Adair mais trabalhadores, inclusive da própria casa, vieram para nosso grupo. O grupo chegou a ter 15 integrantes (Cajamar, entrevista, 24/06/2024).

Segundo a Cajamar, muitos dos membros que entravam para o grupo, já foram antes pacientes, que se encantaram pela técnica e sentiram a necessidade de trabalhar com ela. A casa de Adair foi o local onde eu acompanhei os encontros do grupo; era um espaço em que também funcionava uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI). Esse espaço é do grupo espírita Casa de Adair, e foi cedido para que o grupo Amor e Caridade trabalhassem ali.

Aqui iniciou meu problema no campo. Enquanto eu ainda estava realizando as entrevistas – e por sorte já tinha feito uma quantidade considerável de campo – recebo a notícia de que o grupo não estava mais se encontrando. O que me desestabilizou um pouco, afinal, ainda tinha muito trabalho para ser feito. E o que aconteceu foi que o espaço cedido foi barrado ao grupo:

Na verdade, a propriedade é oficialmente do grupo espírita Casa de Adair, e o grupo espírita arrendava para a prefeitura as atividades da creche. Porém num determinado momento da gestão, quando foi se renovar o contrato, começaram a

³ O médium, no seio do Espiritismo, é aquele que transforma o dom que todo homem possui em mediunidade ostensiva, através do desenvolvimento da mediunidade. Desenvolver e iniciar-se na doutrina são as expressões comumente usadas pelos espíritas quando falam de seu ingresso nessa religião. Iniciar-se na doutrina refere-se ao contato com a literatura espírita, o estudo, a reflexão, a aceitação de seus princípios. Desenvolver, refere-se à mediunidade e ao transe. Os dois movimentos são geralmente complementares, muito embora um espírita não precise obrigatoriamente desenvolver sua mediunidade de maneira plena, dedicando-se nesse caso prioritariamente às tarefas do estudo e da caridade. (Cavalcanti, 1985, p. 21)

fazer algumas exigências; uma delas é que não se era mais permitido o compartilhamento das duas atividades paralelas, as de dedicação exclusiva à creche, e no período noturno e finais de semana, casa espírita. É como se fosse um aluguel, eles pagam é um aluguel na verdade. Então direito exclusivo deles. É por conta disso que a gente teve que se afastar do prédio, continua sendo propriedade do grupo espírita. Essa exigência a gente não sabe se foi por motivos religiosos. Pra nós foi uma surpresa porque até então era um processo muito tranquilo, mas a partir de uma determinada gestão mudou-se toda a história (Cajamar, entrevista, 09/04/2025).

O grupo Amor e Caridade, na época em que eu os acompanhei, era composto por Cajamar, Zulma, Lea, Walkiria, Taís, Igor e Nelson. Todos contribuíam no grupo com seu dom mediúnico, e aqueles que não o possuíam tão afluente, contribuíam com doação de energias. Ao decorrer da etnografia apresentada neste trabalho, comentarei mais a respeito do dom mediúnico de alguns membros.

2.3 Leis e aplicações

A Apometria, como sendo uma técnica, necessita de suas leis para que funcione/seja eficaz. Essas leis guiam os médiuns em grupo, o procedimento que será aplicado para determinado atendimento. O quadro abaixo foi um recorte da apostila que é trabalhada no grupo de estudos:

Figura 1 - Leis da Apometria.

Classificação Genérica das Leis da Apometria Quanto aos Procedimentos			
Aplicação	Lei N°	Procedimento	Relação
1. De Abordagem e Encaminhamento	1	Desdobramento Espiritual	
	2	Acoplamento Físico	
	3	Ação à Distância, Viagem Astral	
	4	Formação de Campos de Força	
	6	Condução do Espírito Desdobrado (Encarnado)	
	7	Ação dos Espíritos Desencarnados (Socorristas)	
	8	Ajustamento da Sintonia Vibratória	
	13	Influência dos Espíritos em Sofrimento (Bolsões)	
2. De Reposição Energia	5	Revitalização dos Médiuns (ou de Espíritos)	
3. De Persuasão	9	Deslocamento no Espaço e Tempo (passado)	
	10	Dissociação do Espaço-tempo (Projeção Futura)	
	11	Dissociação do Espaço-tempo (projeção Futura) Ação Telúrica	
	12	Choque do Tempo	

Fonte: Apostila da Sociedade Brasileira de Apometria.

Neste quadro podemos observar as divisões das leis quanto a sua aplicação. É importante estar atento à aplicação; todo atendimento tem seu início, meio e fim. A antropóloga, enfermeira e psicóloga Karine Mendonça Rodrigues (2016), em sua dissertação intitulada “Apometria: do centro espírita ao consultório, o ritual e as implicações quanto à eficácia simbólica”, introduz o contexto histórico pelo qual a Apometria nasce e ainda apresenta os princípios, leis e componentes da técnica. Segundo ela, para que o procedimento seja seguido de forma correta, precisa passar por essas leis:

“[...] a apometria obedece treze leis que devem ser seguidas para que a técnica seja realizada de forma correta, são elas: a) Lei do desdobramento espiritual; b) Lei do acoplamento físico; c) Lei da ação à distância pelo espírito desdobrado; d) Lei de formação dos campos de força; e) Lei de revitalização dos médiuns; f) Lei da condução do espírito desdobrado, de paciente encarnado, para os planos mais altos, em hospitais do Astral; g) Lei de ação dos espíritos desencarnados socorristas sobre os pacientes desdobrados; 27 h) Lei do ajustamento de sintonia vibratória dos espíritos desencarnados com o médium ou com outros espíritos desencarnados, ou de ajustamento da sintonia destes com o ambiente para onde, momentaneamente, forem enviados; i) Lei de desdobramento de um espírito no espaço e no tempo; j) Lei de dissociação do espaço/tempo; k) Lei de ação telúrica sobre os espíritos desencarnados que evitam a reencarnação; l) Lei do choque do tempo; e m) Lei de influência dos espíritos desencarnados em sofrimento, vivendo ainda no passado, sobre o presente dos doentes obsidiados. (Rodrigues, 2016, p. 29)

Este foi um tópico que levei para os médiuns, já que comparando a ordem das leis colocada por Karine e a apostila de estudos do grupo encontrava diferenças. Segundo o grupo, o quadro mostrado segue a ordem em que é necessário seguir durante o atendimento. Desta forma início comentando sobre *a aplicação de abordagem e encaminhamento* (início); não irei aqui me ater de toda a teoria de cada lei – pois são extremamente grandes -, tocando apenas alguns pontos e entendimentos que tive sobre algumas delas.

Na primeira lei temos a separação do corpo espiritual do corpo físico, onde é possível enxergar as enfermidades presentes. A segunda lei já é o inverso, o corpo espiritual volta para seu corpo físico. Uma dúvida que levei a eles era a seguinte: há possibilidade de não conseguir voltar ao corpo físico? A resposta é que não, o indivíduo pode ser mal acoplado, causando dores de cabeça e mal-estar, no entanto o seu corpo físico exerce uma atração automática sobre o corpo astral.

A quarta lei diz respeito à formação de campos de força, ou seja, à ideia de que é necessário envolver o espírito do paciente desdobrado em um campo que não permita que seja atingido por forças negativas e obsessores. A sexta lei se encarrega de levar o espírito desdobrado do paciente para o hospital do astral, onde com a sétima lei vai ser tratado pelos socorristas do astral, espíritos desencarnados que trabalham no hospital do astral. Ao decorrer deste trabalho, este hospital será muito citado, até mesmo em representações nos desenhos.

Segundo Zulma, essas leis não são aplicadas necessariamente em todos os atendimentos. As aplicações de persuasão por exemplo, só serão utilizadas em atendimentos onde há uma forte influência de obsessores no paciente. Já a aplicação de reposição de energia, segundo ela, é de extrema importância para todos os atendimentos: “Antes, quando a gente não utilizava essa aplicação, eu voltava com muitas dores para casa. Dores dos pacientes e mal-estar dos desencarnados”.

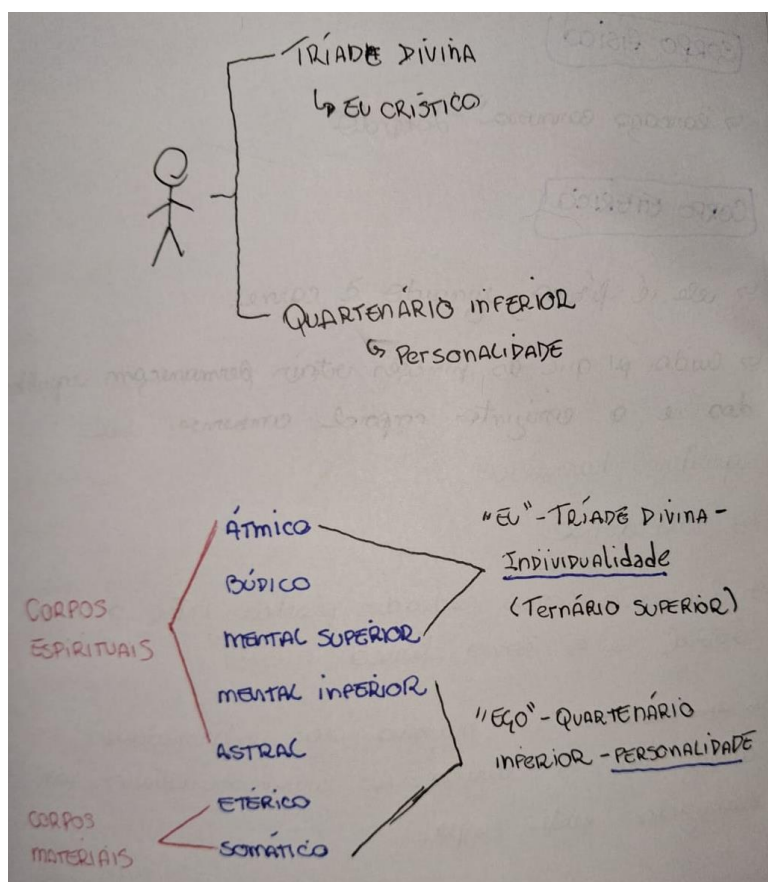
2.4 Os corpos

A Apometria, visa tratar das enfermidades e afetações da vida pessoal por meio do corpo do indivíduo. O conceito de corpo, para os médiuns que trabalham com a Apometria, é bastante complexo. Azevedo (2007) irá dividir o corpo dentro da Apometria em sete corpos: físico, etérico, astral, mental concreto, mental abstrato, búdico e átmico. Diferentemente do espiritismo, onde o ser-humano possui espírito, perispírito e corpo físico.

Cavalcanti (1985), em seu estudo acerca do espiritismo, tenta entender o que significa o “ser humano”, tópico que está fortemente ligado ao corpo, pois de acordo com ela:

O homem é um Espírito encarnado composto de três elementos: espírito/alma; corpo; perispírito. O Espírito adquire, ao encarnar um corpo, invólucro perecível, instrumento material de ação da inteligência que nele habita. Espírito e corpo estão unidos pelo perispírito que se compõe de duas partes: uma mais grosseira que a morte destrói, libertando o Espírito, e outra mais sutil que o Espírito conserva. Desse modo, encarnado ou não, o Espírito tem sempre seu perispírito, intermediário de todas as suas sensações, instrumento de transmissão de sua vontade (Cavalcanti, 1985, p. 15).

Figura 2 - Múltiplos corpos.



Fonte: Autora.

O desenho apresentado foi uma tentativa de conseguir entender a aula dos corpos em uma das reuniões do grupo de estudos. Falaremos primeiro sobre os corpos materiais, estes que quando o indivíduo morre, se desintegram. É no corpo etérico que as enfermidades se alojam, interferindo consequentemente no corpo físico; é nele também que são realizadas as cirurgias astrais.

Falando agora sobre os quatro corpos inferiores que compõe a personalidade do indivíduo, temos o corpo astral; é neste corpo que os espíritos (desencarnados) vivem no

plano astral e é com ele que a técnica da Apometria trabalha, através dos desdobramentos (desencaixamento do corpo físico). Há uma divisão entre corpo mental inferior e superior, onde o primeiro, segundo à Apometria, é o repositório do cognitivo fechando o grupo dos corpos que formam o *ego*, a personalidade. Já o mental superior é aquele que fórmula ideias e as assimila, sendo esse também o corpo com mais energia, é por meio dele que se mentalizam intenções/energias boas ou ruins.

O corpo búdico, é um corpo atemporal, ou seja, nele estão armazenadas experiências de outras vidas que podem estar mal resolvidas; ele e o corpo átmico são etéreos – aqui menciono o termo etéreo, não no sentido de corpo etéreo, mas em seu significado de puro, celestial e sublime – pois são estruturas vibratórias, que segundo a Apometria, pouco conseguem as descrever. O corpo átmico tem um sentido celestial, até um tanto poético, chamado também de “Eu Crístico”, pois é uma essência divina, essa que se compara a Deus, ou seja, o que nos iguala a Ele é a essência, e não o existir.

A relação da espiritualidade com o corpo é fundamental, e muito perceptível dentro da Apometria; o processo de cura espiritual não está interligado a objetos e ritos, mas sim ao próprio corpo. Desta forma, conduzo minha etnografia a partir de uma percepção fenomenológica baseada em Maurice Merleau-Ponty (2013), onde o sentir é uma comunicação vital entre você e aquilo que é sentido. O sujeito que está em processo de cura, precisa sentir, e o sentir para Merleau-Ponty é mais do que reagir, é participar.

Logo, percebo a forte presença das sensações nesta etnografia. Tanto no meu objeto de estudo, a Apometria, como nos sujeitos envolvidos (pacientes e médiuns) e até mesmo em mim como antropóloga, pois só me permitindo participar para sentir, é que consegui compreender meu campo. Seguindo nessa linha, o conceito de *embodiment* de Thomas Csordas (2008) é útil para observar a relação do corpo e o processo de cura na Apometria. Ele rompe com os dualismos presentes em pesquisas que buscam analisar a significação do corpo/mente, sujeito/objeto, propondo que a cultura é corporificada (*embodied*) e que o corpo é sujeito e agente na produção de sentido (Csordas, 2008). Para ele, o corpo não é um objeto da cultura, mas o lócus da experiência, o ponto de partida para a constituição do sujeito e da significação cultural. Esse entendimento é influenciado pela fenomenologia de Merleau-Ponty, que define o corpo como a condição primeira do ser-no-mundo, não uma matéria de consciência, mas sua própria manifestação. Assim, o corpo deixa de ser apenas o receptáculo da alma ou da mente e se torna o próprio sujeito da experiência, que percebe, age e constrói o mundo ao seu redor.

Thomas Csordas, em sua obra “Corpo, significado e cura” (2008), foca na cura ritual, particularmente no cristianismo carismático e nas práticas Navajo, para demonstrar como o corpo é central na compreensão do sofrimento, da saúde e da transformação, desafiando dualidades como mente-corpo e sujeito-objeto. Na minha pesquisa, tento trazer esse olhar para o campo das experiências de cura espiritual na Apometria para observar as relações entre corporeidade e significação. Para Csordas (2008) a doença e o sagrado são "categorias do mesmo nível fenomenológico". Ambas remetem a questões últimas de vida e morte, ativam processos endógenos e geram campos de discurso interpretativo sobre a enfermidade.

Miriam Cristina M. Rabelo (2005), em seu texto “Religião e a Transformação da Experiência”, discute como a religião pode transformar as experiências de aflição e sofrimento por meio das práticas terapêuticas e do envolvimento corporal dos fiéis. Os tratamentos religiosos ressignificam a doença através de formas específicas de mobilizar o corpo, que são ao mesmo tempo sensíveis e significativas. Assim, percebo que a cura na Apometria envolve diversos processos, onde o sujeito compreende seu corpo – logo sua doença - sob outra ótica, encarando a nova realidade de uma forma diferente. Há também um trabalho de transformação do seu próprio viver, onde atitudes e pensamentos precisam ser melhorados para que o indivíduo possa experienciar a cura, assim formando uma relação entre experiências sensíveis e a construção de uma identidade saudável (Rabelo, 2005).

A noção de pessoa para a Apometria, não está limitada a seu corpo físico. Como pudemos observar na explicação sobre os diversos corpos segundo a Apometria, a individualidade é uma construção resultada de diversas experiências de vidas passadas. Sônia Maluf (2001) traz a noção de pessoa para as sociedades indígenas brasileiras ameríndias. Em seu artigo “Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas”, essa noção muito se assemelha à Apometria, onde segundo Maluf, a noção de pessoa não se reduz ao corpo físico e não representa a sua totalidade, estruturando-se em uma pluralidade de níveis. Há a ideia da transformação generalizada dos seres e de que o corpo é "fabricado" ou moldado na trajetória de vida de um indivíduo. A pessoa não é um ser substantivo, dado ou acabado, mas um ser em processo permanente de transformação, aberto a metamorfoses.

O transe, os estados alterados de consciência e os processos espirituais não são mais reduzidos a patologias ou ilusões, mas reconhecidos como modos somáticos de atenção, formas legítimas de conhecimento e expressão da experiência humana. Isso ecoa a

sensibilidade ameríndia sobre a interconexão entre os corpos e os mundos, e desafia a rigidez da ontologia moderna ocidental (Maluf, 2001).

Ao comparar essas diversas concepções de pessoa da Apometria, das cosmologias indígenas e da antropologia da corporeidade, evidencia-se uma ruptura comum com o dualismo cartesiano que separa corpo e mente, sujeito e objeto. Em todas essas abordagens, o corpo é simultaneamente biológico, social, espiritual e cultural; é um espaço de inscrição de experiências e, sobretudo, de agência. A pessoa é, assim, uma construção viva, situada e mutável, resultado de relações com o mundo e com os outros humanos e não-humanos.

O conceito complexo de "corpo" dentro da Apometria, que desdobra a individualidade em sete estruturas distintas, estabelece o fundamento essencial para a prática de cura. A própria Apometria, ao validar o transe e os estados alterados de consciência, reconhece-os como modos somáticos legítimos de conhecimento e expressão da experiência humana, o que desafia a rigidez da ontologia moderna ocidental (Maluf, 2001).

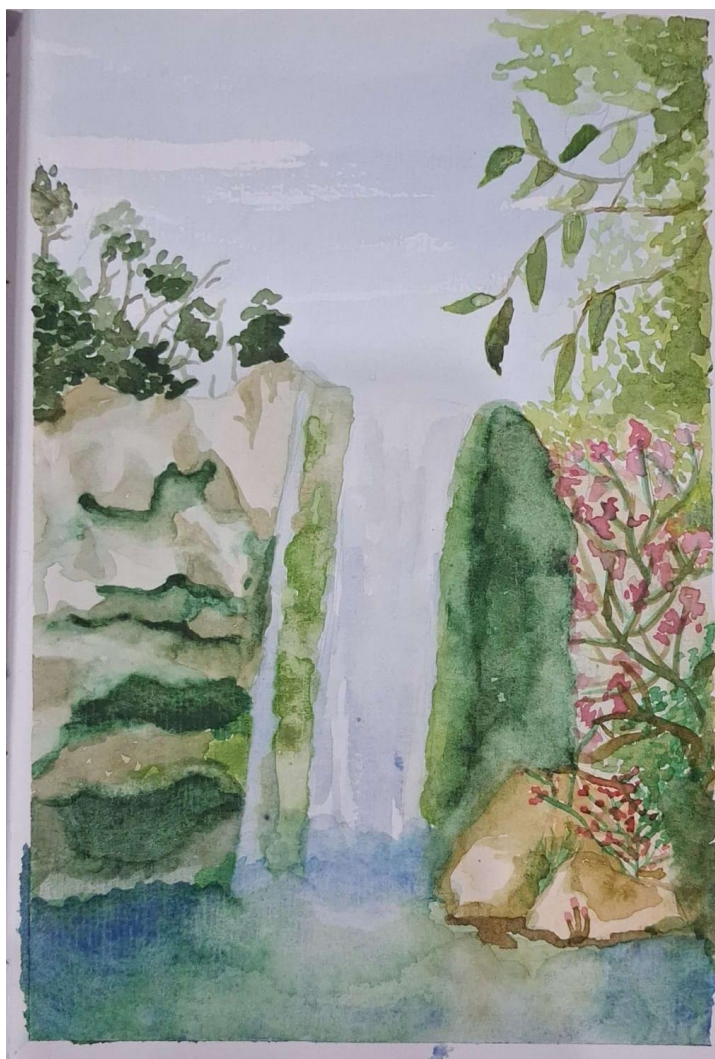
2.5 Termos e comandos

Os comandos são parte essencial da técnica, é através deles que o corpo dos médiuns e do paciente podem se desdobrar e assim há um encontro no plano astral onde são visíveis para os médiuns as enfermidades do paciente. Durante os atendimentos, eram falados alguns termos com os quais eu já tinha familiaridade, outros já me eram estranhos. Não só os termos como também os instrumentos que são pronunciados pelos comandos.

Em relação aos instrumentos, acredito que vale uma melhor explicação. Como já mencionei, a técnica da Apometria não possui instrumentos materiais; o corpo é esse meio de se chegar ao outro plano, tanto o corpo do paciente, como o corpo do médium, que além de também estar desdobrado, utiliza da sua voz para proferir instrumentos que precisam ser mentalizados. São esses instrumentos que auxiliam o tratamento do corpo desdobrado do paciente.

Menciono aqui alguns instrumentos que mais me chamaram a atenção e me despertaram a imaginação. Mesmo procurando seus significados e tentando encontrar alguma imagem pela internet, que demonstrasse como seria, não achei nada que definisse exatamente o que eu imaginei. Como a afetação do meu campo também se manifestou pelos meus desenhos, representei esses instrumentos.

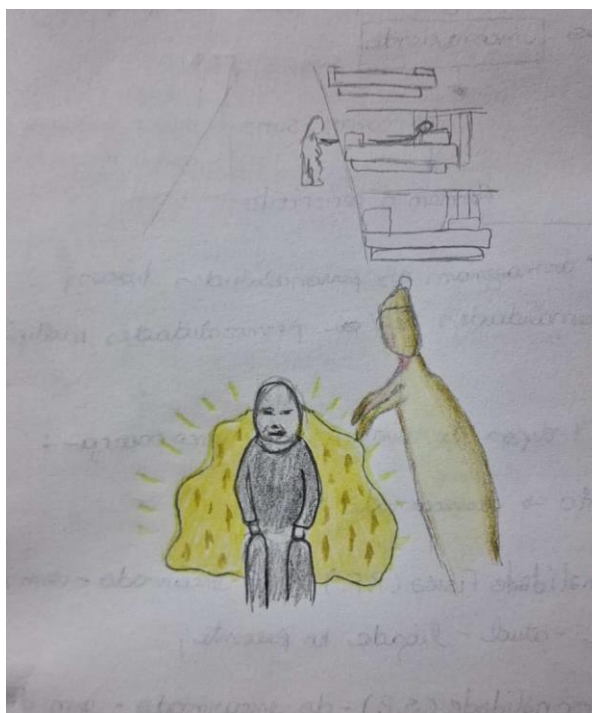
Figura 3 - Cachoeira de Shambala.



Fonte: Autora.

A imagem apresentada é uma representação que pintei em aquarela do instrumento utilizado para limpeza do corpo do paciente, harmonização e reconexão com seu mentor espiritual, chamado Cachoeira de Shambala. Toda vez que esse instrumento era mencionado nos comandos, imaginava um lugar sereno e etéreo. Na Apometria, Shambala é evocada como um plano espiritual elevado, um centro de luz de onde viriam energias, mestres espirituais ou orientações que auxiliam nos processos de cura e harmonização. Não é um lugar físico, mas um símbolo de conexão com dimensões superiores, relacionado à ideia de evolução espiritual do ser humano.

Figura 4 - Malha Crística.



Fonte: Autora.

A segunda imagem apresentada foi desenhada ainda no meu caderno, durante o campo, mas achei que precisava de cor para demonstrar a potência deste instrumento que imaginei. Vale lembrar que tanto a Cachoeira de Shambala, como a Malha Crística – instrumento representado no desenho acima – eram instrumentos dos quais eu nunca ouvi falar antes. Deste modo não sabia seu significado, e o que representei seria como eu havia imaginado, supondo o seu sentido. Assim como a cachoeira, a Malha Crística também tem o intuito de limpeza. No entanto minha imaginação foi literal; representei um manto, trazido por uma entidade de luz que contivesse a energia de Cristo.

2.6 As interlocutoras

Nem todas as entrevistadas quiseram ser identificadas. Por conta do empecilho que tive em meu campo, não consegui realizar o número que gostaria de entrevistas com pacientes, dessa forma, juntei as que eu já tinha com mais algumas de quem eu conhecia, que passaram pelos atendimentos. Denise e Glaucia são nomes fictícios, de duas mulheres que concordaram em ceder a entrevista sem serem identificadas. Denise é uma mulher branca, loira que aparentava ter aproximadamente 45 anos de idade; já Glaucia, é uma mulher mais velha, aparenta ter entre 60 anos, com sua pele parda e cabelo escuros. Sophia,

por sua vez é uma amiga de longa data e sua história com a Apometria sempre foi muito falada entre nós duas. Com seus 26 anos, branca com cabelos ruivos claro, professora de História e muito espiritualista, desde que a conheci, muito jovens, compartilhávamos situações espirituais. Ela é moradora da região central de Campo Grande, onde vive com sua mãe e irmãos. Sophia se destaca muito com o seu relato, pois não tem dificuldade de se comunicar, muito pelo contrário, adora conversar e se expressar. Desta forma, tentei captar essa personalidade forte dela.

Quanto às componentes do grupo, menciono aqui minhas parentes-interlocutoras, Zulma, minha mãe e sua irmã Cajamar, minha tia. Zulma, sem dúvidas foi a pessoa que me apresentou ao mundo espiritual, com tantas história e experiências que sempre me contava. Explicações de perguntas, que eu a levava ao longo de minha vida, que sempre eram ligadas a esse mundo invisível. Aos seus 50 anos, branca, de cabelos castanhos com alguns fios brancos, e aparência jovem, sempre se dedicou à casa e à família. Hoje é moradora da região central de Campo Grande, mas já teve muitos endereços em diversas partes do país por conta do emprego do meu pai. Em 2019 se formou em Arquitetura e Urbanismo, sempre foi uma mulher dedicada aos estudos acadêmicos, fazendo mais tarde uma pós-graduação. Hoje se dedica também aos estudos da Apometria, se diz católica de formação, mas espírita de atuação.

No entanto, foi com Cajamar que minha mãe teve seu primeiro contato com a Apometria, sempre muito espiritualizada e se dedicando ao trabalho espiritual. Já a vi trabalhando em centros de Umbanda, frequentando missas católicas, e fazendo caridade com grupos espíritas. Conheceu a técnica por meio de amigos que indicaram que fosse buscar ajuda em um grupo apométrico, quando teve problemas com a saúde de seu filho. Se encantou com a Apometria, começou a buscar se especializar, trabalhando em grupos e participando de Congressos; esse envolvimento já contabiliza 17 anos, segundo ela. Cajamar é uma mulher católica de muita fé, moradora da região central de Campo Grande, vive com sua mãe e seu filho, aos seus 56 anos, negra com cabelos castanho claro, desde que me lembro foi sempre muito cuidadosa com sua aparência, muito comunicativa e sempre se mostrou interessada em participar de meu trabalho e ajudar no que precisasse.

Maraci é professora de Matemática, hoje aposentada, mãe de Sophia, sempre me tratou com muito carinho. Com seus 56 anos, branca de cabelos loiros, também muito ligada à minha tia, conversávamos sobre experiências espirituais e acontecimentos fora do comum em atendimentos na Apometria.

Lea é uma senhora com seus 66 anos, sempre muito gentil e humilde, de uma altura um pouco mais baixa que eu, com seus cabelos grisalhos e pele parda de fala baixa e mansa, em me explicar questões que eu tinha sobre a Apometria. Lea é de religião Espírita, no grupo de estudos, sempre traz histórias de suas experiências espirituais e de seu trabalho na escola.

Taís, uma mulher bem-humorada, de pele branca e cabelos tingidos de loiro, trabalha como professora. Em alguns dos encontros reflete o cansaço da profissão, mas nunca se mostra indisposta a estar ali. De religião também espírita, teve contato com a Apometria no centro espírita em que trabalhava:

“ - As meninas, essas meninas aqui (Lea e Taís) são assim; nós saímos desse negócio do Flávio que deu problema, fomos para outro lugar terrível e eu pedi a espiritualidade que desse um lugar para gente e a gente foi cair lá na casa de Adair, que eu achei que teria choque porque são kardecista e no fim eu fui lá um dia conheci a casa, achei lindo, daí fui lá no outro dia fui com a Maraci e com a Mari, falei vamos lá para falar que a gente não quer, eu não vou querer ser responsável, nós vamos trabalhar com quem? Não tem grupo. Aí chegamos lá, uma voz falava no meu ouvido: "Não, é aqui o lugar, é aqui o lugar, você não pediu um lugar?". Daí a dona Maria Inês, mas a Inês falou assim: "Então, é aqui. Você escolheu, eles tão falando que você pediu um lugar, é aqui". Aí falei: "Ah, então tá". E aí não tinha médium. Estava eu, a Maraci, a Mari incerto, uma outra lá que desistiu e só. E nós. E a Márcia ajudava por telefone a gente. E aí chegamos lá, a dona Maria Inês falou: "Não, mas eu vou arrumar a trabalhadora para vocês". E ela se propôs, sendo kardecista e dirigente dali, a trabalhar com a gente. Só que ela falava que a energia da Apometria era da era tão forte, que outro no dia ela tava de cama, tava doente, ela não conseguia. E aí ela trouxe, as meninas né? Trouxe para atender. Vocês foram atendidas, né? É. E depois ficaram no grupo. A Taís eu não lembro, mas também foi atendida, né?" (Cajamar, roda de conversa, 18/08/2025).

“- É, me convidou para ir. Eu achei que eu ia ser atendida e já fiquei lá sentada (risos)” (Taís, roda de conversa, 18/08/2025).

Outras pessoas que aparecem ao longo dos meus relatos não foram entrevistadas como as pessoas apresentadas. São membros que fazem parte do grupo de estudos e que em algum momento também já fizeram parte do grupo Amor e Caridade; seus nomes e características são reais, no entanto, não houve uma entrevista a sós com esses.

2.7 O grupo de estudos

Seguindo a forma de olhar para meu objeto de estudo como aprendiz do mesmo (Chiesa, 2020), abracei a oportunidade de participar dos grupos de estudos, já que ainda pouco entendia sobre a Apometria em si e tinha poucas interações com o próprio grupo. A composição do grupo era praticamente a mesma da dos que atendiam quando os acompanhei, Cajamar, Igor, Taís, Lea, Walkyria e Zulma. No entanto, participavam também, alguns membros que na época em que eu acompanhei os atendimentos, não estavam presentes.

Nos encontrávamos uma vez na semana, em um horário que atendia às necessidades de todos, às 19h30. Cajamar se prontificava a imprimir as apostilas, para que todos acompanhassem e pudessem discutir juntos. Antes do estudo, é feita uma oração, o Pai Nosso e a Prece de Caritas, a mesma que também é feita durante os atendimentos, e em seguida pedem que se “abra a faixa vibracional de estudos”. Uma coisa que observei era esse comando da abertura da faixa vibracional já que também nos atendimentos eles costumam falar “abrindo a faixa vibracional de atendimento”. Os questioneei sobre qual era a diferença de um para outro, e Cajamar me respondeu o seguinte:

Nós abrimos uma frequência, uma vibração de estudo. Quando a gente abre a frequência de uma pessoa, a gente fala “abrindo a frequência vibracional do fulano de tal”, “pedindo permissão para o anjo guardião para acessar”. O que eu pedi aqui foi para abrir uma frequência de estudo, para que junto de nós estivesse os médiuns de estudo, entendeu? Mas é abrir uma frequência. Que depois nós vamos fechar essa frequência e agradecer. É um pedido para a gente entrar na frequência de estudo, nós não estamos em frequência de atendimento (Cajamar, roda de conversa, 17/06/2025).

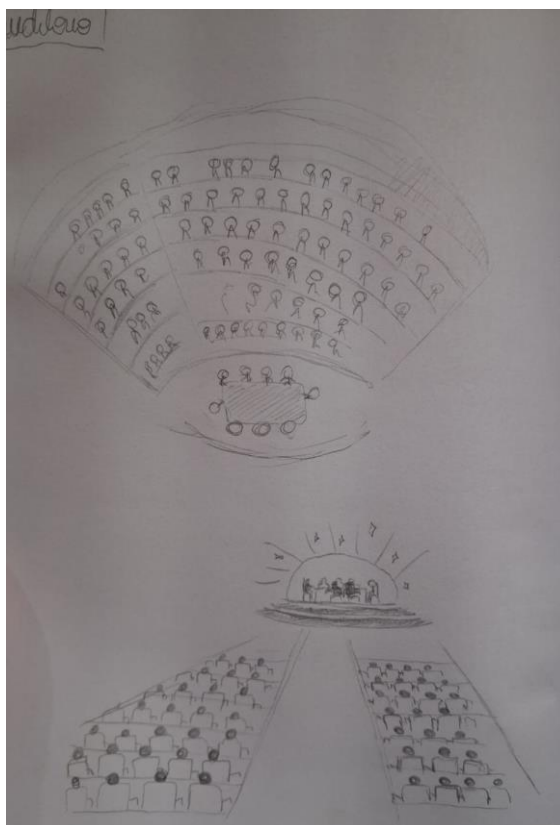
O primeiro dia em que acompanhei os estudos foi caracterizado por menos teoria e mais discussão. O grupo já se encontrava para estudos desde o começo do ano, logo, quando comecei a os acompanhar, já estavam bem adiantados nas teorias. Mas mesmo assim, tentava os acompanhar e tirar dúvidas quando precisava. A discussão em pauta, nesse dia, era como doutrinar um obsessor, abaixando sua frequência vibracional, sua energia, para o médium se equiparar com a dele, conforme o tópico da oitava lei da Apometria, “ajustamento de sintonia vibratória dos espíritos desencarnados com o médium ou com outros espíritos desencarnados, ou de ajustamento da sintonia destes com o ambiente para onde, momentaneamente, forem enviados”. Ou seja, quando o médium encontra com o espírito que está obsidiando o paciente, ele precisa ser calmo e equiparar sua energia com a dele, de acordo com Maraci: “É como se você fosse levar comida a um morador de rua, você precisa se abaixar, conversar com ele na mesma linha de visão. Ou seja, ser humilde”.

Outro tópico discutido nesse dia que me chamou atenção foi a forma como antes eram conduzidos os atendimentos (época em que eu acompanhei). Neles, o tempo de conversa e aconselhamento dedicado aos pacientes era extenso. O grupo debateu que não era possível continuar mantendo esse formato pois, o tempo era insuficiente, por mais que alguns pacientes precisassem de um conselho maior, não era possível dar conta de todo o tempo. Além do mais, é preciso considerar que os atendimentos requerem energia dos médiuns, e isso também conta na hora de dar a atenção maior aos pacientes.

No dia 08/07/2025, seguimos o mesmo padrão de estudos: leitura, discussão e, às vezes, até recordações de atendimentos que se encaixavam como exemplos para tais leis.

Uma coisa que me chamava muito a atenção era que, logo após a abertura da faixa de estudos, os presentes eram convidados a se colocarem em um auditório, onde os seres desencarnados que quisessem aprender junto, também poderiam participar, embora apenas como ouvintes, respeitando esse “limite” estabelecido, ficando fora da casa.

Figura 5 – Auditório.



Fonte: autora.

Tentei captar, em meu caderno de campo, a forma em que eu conseguia imaginar este auditório. Espíritos curiosos, respeitando o limite do palco onde se encontra o grupo reunindo, estudando e debatendo. Essa limitação é importante, para que no momento de estudos não haja nenhuma incorporação ou pedido de ajuda do outro plano.

No dia 16/07/2025, o dia estava mais gelado, e a maioria dos membros se ausentaram. Nesse dia, cheguei mais cedo e ajudei minha tia em uma fantasia que ela estava fazendo de fuxicos. Chegaram apenas Taís, Lea e Igor. Eles se manifestaram em ajudar também no trabalho manual e a noite dos estudos se transformou num bordar fuxicos. Ficamos horas conversando e entre conversas pudemos conhecer mais sobre a vida de cada um e também as trajetórias espirituais. No meio das conversas, discutimos também coisas que tínhamos visto nos outros encontros de estudos.

Como foi um momento de falas e trocas pessoais, não achei necessário registrar em meu caderno de campo. No entanto, vi neste encontro, um momento de descontração em que compreendi a relação de cada um com cada qual do grupo, assim como a de todos eles com a Apometria e o sentido de trabalhar com ela. No fim do encontro, Cajamar pontuou: “Foi realmente uma arte terapia e que me rendera uma linda saia de festa Julina”.

No encontro do dia 19/08/2025, além das pessoas de sempre, Wania também apareceu, pois sempre que o grupo se encontrava ela estava viajando a trabalho. Iniciamos o estudo. Estudamos a 13ª lei que fala sobre o seguinte tema: “Influência dos espíritos desencarnados, em sofrimento, vivendo ainda no passado, sobre o presente dos doentes obsidiados (bolsões do passado)”. Aqui eles comentaram que para o obsessor não voltar, era necessário tratar também dele, não só encaminhá-lo para outro lugar. Perguntei o porquê e como ele pode voltar. De acordo com Wania esse mesmo espírito, que está em agonia, quando é “limpado” do paciente, pode voltar a atormentar outra pessoa, ou até o mesmo paciente, se este não manter sua vibração limpa:

Se você foi bem tratado (paciente), se você cumpriu todos os seus preceitos ali dentro da Apometria e cortou essa ligação com essa pessoa (obsessor), ele não volta mais. Agora, se você voltou naquela vibração, voltou naquela forma, pensamento, de atração, você pode atrair. Não só ele como algum outro espírito que vibre nessa mesma sintonia e venha tomar o lugar dele. Porque às vezes uma pessoa que é retirada, um espírito que é retirado, ele aceita a luz, ele vai embora, ele não volta mais. Entendeu? Mas o seu padrão vibratório pode atrair outros iguais a ele (Wania, roda de conversa, 19/08/2025).

No encontro do dia 25/08/2025, discutimos ainda sobre leis. Uma que me chamou a atenção foi a lei de “Dissociação do Espaço-Tempo”, onde basicamente, em trabalhos de desobsessão, os médiuns levam os espíritos rebeldes a se confrontar com situações que lhe causem constrangimento, seja no passado ou no futuro. Desta forma, o espírito entende o desconforto que sua carga negativa gera no indivíduo obsediado. Os médiuns não só se preocupam em desobsediar o paciente, como também com o espírito que está em agonia. Isso leva para a outra técnica que também me chama a atenção, o “Tratamento Especial para Magos Negros”. Segundo os médiuns, é uma das técnicas mais aplicadas nos atendimentos que já realizaram, pois muitas das queixas dos pacientes se dão por consequências de terem sido vítimas de *magia negra*⁴.

Segundo o grupo, os problemas causados por efeito de magia negra, envolvem diferentes *sujeitos*. A pessoa que praticou o ato contra a outra, o mago negro, que é o ser espiritual invocado para o ato da magia, os Quiumbas (espíritos a serviço de magos negros,

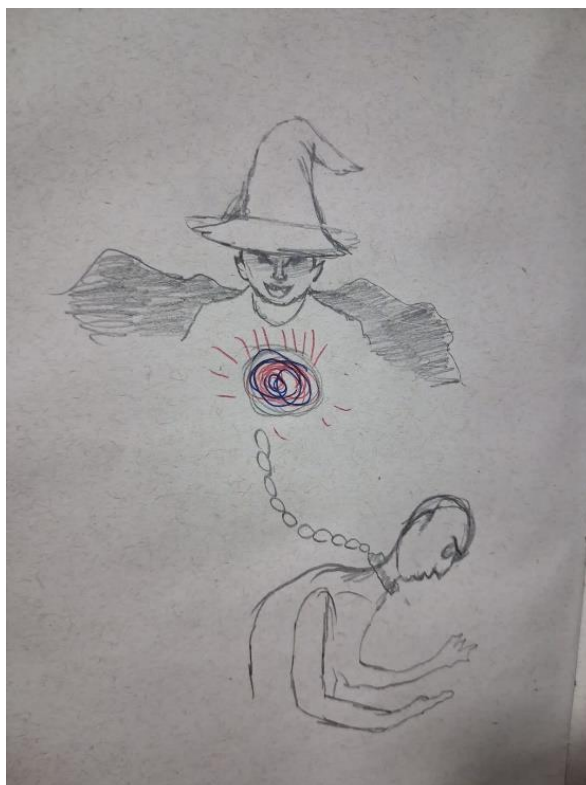
⁴ São magias consideradas pelos meus interlocutores como ruins. Feitas para atingir maleficamente terceiros. Segundo eles, quem pratica a magia negra, sofre depois as consequências em dobro.

que vibram no mal), e a vítima. Na Apometria, há duas formas para desmanchar essa magia ruim: a primeira delas é a “Destruição Física do Objeto”, que consiste em queimar um objeto enfeitiçado. A outra forma é o “Levantamento no Astral”, retirando o campo de energia negativa do objeto qual está ligado; aqui não é necessário que o paciente leve para o atendimento o tal objeto. Os médiuns podem encontrá-lo e realizar o desmancho a distância.

Após desmanchar a magia do paciente, os apômetras, envolvem o paciente em uma capsula de proteção, para que este não tenha contato com a energia emitida pelo feiticeiro, (pessoa que praticou o ato contra ela). Após esse desmancho, os apômetras recomendam que, para que o paciente não seja mais assediado pelo feiticeiro, ele necessita se iniciar à prática do Evangelho e a uma vida moralmente sadia e espiritualizada. A prática do amor e da caridade tornará a pessoa cada vez mais imunizada e protegida.

Outra coisa interessante de se observar nesta lei, é o tratamento dos Quiumbas. De acordo com essa lei, estes seres espirituais são escravos do mago negro e obrigados a agir contra o encarnado, sendo obrigados a fazer o mal para não sofrer castigos. A maioria deles querem se libertar e, após receberem ajuda espiritual, mudam de lado e colaboram na quebra de feitiços. Já os restantes, presos ao ódio de vidas passadas, escolhem continuar no mal e precisam ser contidos e encaminhados para tratamento em locais de recuperação.

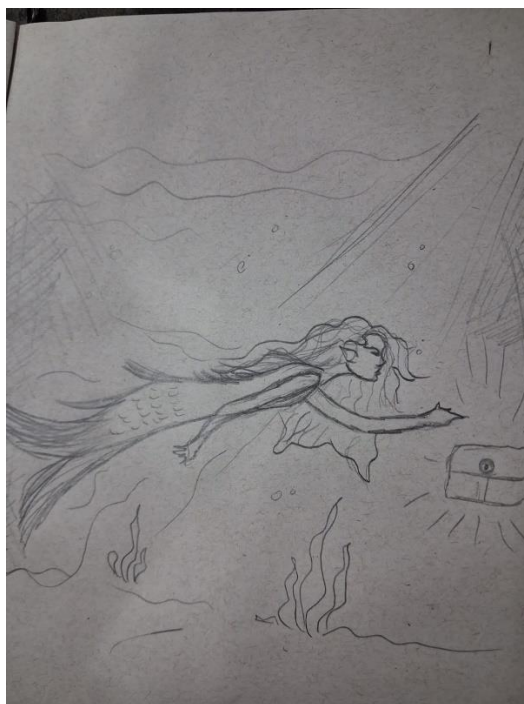
Figura 6 - Mago Negro e Quiumba.



Fonte: Autora.

Um ponto interessante comentado acerca dessa lei, é a utilização de seres espirituais que estão presentes dentro da Umbanda, como os chamados Elementais, seres da natureza que segundo a teoria “[...] são naturalmente puros. Não se contaminam com dúvidas dissociativas, egoísmo ou inveja, como acontece com os homens” (Sbapometria, 2006, p. 50). Esses espíritos podem ser convocados para o desmanche da magia que afeta o paciente, segundo Cajamar, “quando o objeto que foi feito a magia é descartado em rio, oceano... A gente não tem como saber onde está. É aí que podemos pedir para que os Elementais consigam localizar esses objetos. Nesse caso são as Ondinas, seres da água. Também podemos chamar Oxum, Iemanjá...”.

Figura 7 – Ondina.



Fonte: Autora.

No encontro do dia 15/09/2025, falamos a respeito do Desdobramento, e como é só através dele que é possível encontrar os problemas do indivíduo. Como já foi mencionado no texto, o Desdobramento é a técnica de separar todos os corpos que uma pessoa possui, “[...] o agregado humano dissociado, faculta uma visão muito mais clara e objetiva e compreensão maior dos processos perturbadores da harmonia comportamental e da saúde do ser encarnado” (Sbapometria, 2006, p. 53).

Como foi mostrado no subcapítulo a respeito dos corpos na Apometria, o ser humano possui, dentro do corpo material, o corpo somático e o éterico. Quando uma pessoa morre, o duplo etérico se transforma para a nova reencarnação. No entanto, ele leva consigo algumas “informações instintivas” ancestrais (Sbapometria, 2006), que são acionados de forma imediata e automática diante de situações familiares ou inéditas, fornecendo ao corpo físico os meios necessários para seu pleno funcionamento e melhor desempenho. Assim sendo, da mesma forma que nele gravam-se recursos necessários, também podem ficar gravados os traumas e desequilíbrios que podem causar dores e doenças sem explicação médica.

Durante o desdobramento, podem aparecer os diferentes corpos do paciente, cada um com suas características e comportamentos. Por isso, é importante que quem conduz o trabalho espiritual tenha conhecimento e atenção, pois pode confundir um desses corpos com um espírito obsessor.

Algo que me chamou muita atenção, foi a questão do tratamento de pessoas que possuem vícios. Alguns corpos espirituais podem estar presos a vícios ou hábitos antigos, acumulados em várias vidas. Quando um desses corpos se torna dominante, ele rouba a energia dos outros e impede a evolução espiritual da pessoa.

Nesses casos, é preciso realizar um processo de “despolarização da memória”, ou seja, apagar da memória deste corpo o passado negativo e se reequilibrar. Caso contrário, o ser encarnado fica dominado por esse corpo desarmonizado e perde o controle sobre si mesmo. Alguns desses corpos podem até tentar eliminar o corpo físico, levando a comportamentos autodestrutivos, como o uso de drogas, o que pode resultar em morte.

No encontro do dia 13/10/2025, o tópico discutido foi a questão da mediunidade na Apometria. A mediunidade no espiritismo é, segundo Cavalcanti (1985), um dom orgânico, para ela: “No mundo das relações humanas, os Espíritos desencarnados comunicam -se com seus iguais, os homens, pelo atributo comum que os caracteriza: o pensamento” (Cavalcanti, 1985, p.17).

Eu já havia questionado o grupo se, para trabalhar com a Apometria, era necessário ser médium e, de acordo com Cajamar, “existem apômetras que nem precisam ter a sensibilidade mediúnica. Através das técnicas ele consegue desdobrar, tratar, limpar, só que tem um detalhe, ele não vê. Porque ele não tá usando a intuição, a parte espiritual. Mas funciona”.

Karine Mendonça Rodrigues (2016), em sua dissertação “Apometria: do centro espírita ao consultório, o ritual e as implicações quanto à eficácia simbólica”, visita o

consultório de Rosa, terapeuta holística que segundo ela, em seu consultório, não faz religião. Em sua visita, o intuito era entender “como a apometria é percebida por ela quando aplicada no consultório, de acordo com a sua experiência como terapeuta holística” (Rodrigues, 2016, p.79). Segundo sua interlocutora, existe diferença de trabalhar com a Apometria em consultório e em centro espírita, ela menciona que:

No centro espírita precisa de corrente e incorporação, eles focam nos obsessores, nos desencarnados. Aqui não, isso quem faz são as equipes espirituais de encaminhar e tratar de espíritos desencarnados. Eu me ancoo e canalizo as orientações das equipes espirituais e faço o atendimento no corpo astral e mental do paciente. O corpo astral é o mais sujo, porque conecta com as emoções (Rodrigues, 2016, p.79).

Assim sendo, a forma como o grupo que acompanhei trabalha é diferente do consultório, pois há a corrente e médiuns com diferentes dons. Segundo Wania:

Dentro do grupo podem ter médiuns de vidência, de sensação...sensitivo. Cada um usa sua capacidade de sentimentos e de agregar naquela equipe. A Apometria é como se fosse uma equipe e cada um entra com a sua expertise. [...] E uma outra coisa, dentro do grupo de Apometria, você não pode falar assim: “eu sou só vidente”, “eu sou só doador de energia”, “eu sou só sensível” ... Não existe isso. Porque dentro do grupo, a dinâmica do atendimento, às vezes te puxa para uma área que você achava que você não fazia. Você dá um comando. Às vezes ela tá dando um comando lá e acontece alguma coisa, você precisa entrar e dar o comando. Entendeu? Então, dentro de um grupo de ergometria, é uma conjunção, é uma união. Todo mundo se une para poder fazer o atendimento. E não tem essa, como eu falei, de cada um dentro da sua energia. Tem a que você se afina mais. Mas na hora do atendimento, todo mundo fala uma língua só (Wania, 13/10/2025).

Além disso, percebo que é necessária uma certa química do grupo, onde cada um entende do que o outro precisa ou vê (ou não consegue entender o que vê também). Desta forma, não há como apenas um estar servindo como dirigente do atendimento (aquele que realiza os comandos), pois este mesmo também pode sentir algo, e quando isso ocorre, um outro membro precisa tomar este lugar de aplicar os comandos. Ou seja, é preciso uma conexão entre todos os membros do grupo, para um efetivo trabalho.

Segundo Cajamar, “A vidência é assim, não é tudo igual. Por isso que às vezes você fala: ‘Eu não vi nada disso’. Por isso o grupo precisa estar muito bem envolvido”. Ela explica que às vezes um vidente pode ver algo e outro não, ou então ele pode ver algo e não saber interpretar: “Aí quem está no comando, ou quem está na dirigência, tem que falar: ‘Ó, tem que fazer isso, isso, isso, isso’. Você começa a montar uma história” (Cajamar, 13/10/2025):

Por exemplo, o caso da minha amiga Flávia. A Flávia é uma vidente que também consegue enxergar vidas passadas. Aí você tem que juntar a vida passada, porque isso não é à toa, com a vida presente. Aí o paciente pergunta tem “Por que está acontecendo tal coisa?”, porque lá no passado ela aprontou, flechou, roubou, não sei quê...E quem tá ali na dirigência tem que entender isso (Cajamar, roda de conversa, 13/10/2025).

Outra coisa que questionei também neste encontro era se todos os médiuns podiam ver e incorporar. Cajamar me contou que não, e que às vezes quem está no grupo nem precisa ser sensitivo, apenas ter força na oração ajuda no atendimento. A questão da mediunidade, segundo o grupo, é um dom que com o tempo a pessoa vai aprendendo a controlar; é algo que antes de encarnar seu corpo espiritual já escolhe vir. Não há a opção de não desenvolver e trabalhar a mediunidade, pois em algum momento isso pode afetar a vida do indivíduo que bloqueia este dom.

No dia 03/11/2025, ainda continuamos a falar sobre a mediunidade, no caso a de incorporação. Comentamos sobre as metas energéticas do bom médium. É necessário que o campo energético do médium esteja equilibrado, positivo em pensamentos, emoções, ações, sentimentos etc. Isso auxilia o guia espiritual do médium para se aproximar cada vez mais e incorporar. Caso ocorra o contrário, isso dificultará o processo.

Levei o seguinte questionamento após essa teoria: “E se a pessoa é ruim, prática o mal propositalmente por meio da incorporação. Neste caso, o guia espiritual continua a se aproximar e incorporar?”. Cajamar respondeu o seguinte: “Quando a pessoa vibra o mal, faz maldades desse tipo, não é o guia espiritual que se aproxima do médium, mas espíritos e energias ruins. Quem pratica o mal recebe de volta em dobro, seja nessa vida ou na próxima”. Taís complementou dizendo: “É claro também que nem sempre estaremos bem o tempo todo, vibrando bem e pensando coisas positivas, pois somos seres humanos. Mas no caso é questão de maldade mesmo”.

Outra questão que trabalhamos nesse dia, foi: “E quando o médium não tem vidência e não incorpora?”. Este é o caso de Taís, que embora não tenha nenhum desses dons, consegue doutrinar, por meio de palavras e conversa, o espírito incorporado. Também cito o caso de Lea, onde mesmo não possuindo esses dons, os médiuns consideram poder de sua oração é muito forte. A teoria da Apometria enfatiza que essas pessoas são eficientes doadoras de energia, pois a Apometria funciona basicamente com a energia de todos os membros. Cajamar contou o caso de uma senhora que trabalhava em um centro espírita, e foi convidada pelo grupo a conhecer a Apometria, participando dos atendimentos. No dia seguinte a senhora se queixou de estar completamente cansada, pois foi consumida muita de sua energia.

Esta experiência nos encontros de estudo do grupo de apômetras me abriu a mente para entender que a Apometria não se limita a um conjunto de técnicas, mas se estrutura como um sistema de conhecimento regido por leis espirituais e comandos específicos. As discussões detalhadas sobre o ajuste de sintonia vibratória, o tratamento de Magos Negros,

a Lei de Dissociação do Espaço-Tempo e a importância do Desdobramento demonstram a complexidade teórica que sustenta a intervenção espiritual. Mais do que apenas memorizar comandos, o grupo se empenha em entender a ética e a lógica por trás da cura, onde o tratamento do obsessor e a responsabilidade moral do paciente são tão cruciais quanto a técnica aplicada. Em última análise, o conhecimento destas leis e a contínua busca por sua compreensão configuram a estrutura indispensável sobre o qual o grupo constrói sua autoridade e eficácia terapêutica.

Paralelamente à teoria, a etnografia desses encontros evidenciou o papel fundamental da sinergia e do *ethos* na Apometria. Os momentos de estudo e as interações fora da formalidade, como a "arte terapia" dos fuxicos, revelaram a "química" e a confiança mútua que transcendem as funções mediúnicas individuais. A prática da Apometria exige uma corrente de união, onde a equipe trabalha como um corpo único, e não apenas uma soma de videntes, sensitivos e doadores de energia. Assim, a eficácia do atendimento depende não só da técnica, mas do equilíbrio vibracional e moral de cada médium. O bom apômetra, com ou sem vidência, é aquele que se mantém em uma "faixa de estudo" e de vida moralmente sadia. Com a teoria e a dinâmica do grupo estabelecidas, os próximos capítulos focarão na análise dos atendimentos práticos, explorando como essa ética e esse conhecimento se manifestam na interação com o paciente e na concretização da cura.

3 UMA ETNOGRAFIA DOS ATENDIMENTOS ESPIRITUAIS

3.1 Abrindo a faixa vibracional: os atendimentos no grupo Amor e Caridade

PRECE DE CARITAS

Deus, nosso Pai, que sois todo poder e bondade, daí forças aqueles que passam pela provação, daí luz àqueles que procuram a verdade, ponde no coração do homem a compaixão e a caridade!

Deus! Dai ao viajor a estrela guia, ao aflito a consolação, ao doente o repouso.

Pai! Dai ao culpado o arrependimento, ao espírito a verdade, à criança o guia, ao órfão o pai.

Senhor! Que a vossa bondade se estenda sobre tudo que criastes.

Piedade, Senhor, para aquelas que Vós não conhecem, esperança para aqueles que sofrem.

Que a Vossa bondade permita aos espíritos consoladores derramarem por toda a parte a paz, a esperança e a fé!

Deus! Um raio, uma centelha do Vosso amor pode iluminar a terra; deixai-nos beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita e todas as lágrimas secarão, todas as dores se acalmarão. Um só coração, um só pensamento subirá até Vós como um grito de reconhecimento e de amor.

Como Moisés sobre a montanha, nós Vós esperamos com os braços abertos, oh! Bondade, oh! Beleza, oh! Perfeição, e queremos de alguma sorte merecer a Vossa misericórdia.

Deus, daí-nos força, ajudai o nosso progresso, a fim de subirmos até Vós; daí-nos a caridade pura, a humildade; daí-nos a fé e a razão, daí-nos a simplicidade, que fará de nossas almas o espelho onde se há de refletir a Vossa Divina Imagem!

Que assim seja!

A oração apresentada se intitula “Prece de Caritas”, uma oração realizada entre espíritas kardecistas, com o intuito de encaminhar doentes, de acordo com Wania: “É o mesmo quando estamos na igreja e o padre reza o credo ‘creio em Deus pai...’, é uma oração que foi psicografada”. É com essa oração que todos os atendimentos se iniciam; depois dela é rezado o Pai Nosso e a Ave Maria.

Antes de começar ir a campo, conversei com minha tia a respeito do meu interesse em observar os atendimentos da Apometria. Ela me deu o consentimento de acompanhar o grupo e me enviou alguns materiais sobre a técnica antes de começar a ir para que eu entendesse minimamente o que de fato era a Apometria. Além disso, Cajamar me avisou que em alguns atendimentos talvez eu não poderia estar presente, achei que por conta da descrição do paciente ou algo parecido. No entanto, ela me relatou que em alguns casos o atendimento poderia ser “muito pesado”, por se tratar de desobsessão e até mesmo “polteirgeists⁵”, e que isso poderia me afetar de certa forma. As sessões de desobsessão são muito comuns na Apometria, geralmente o paciente é afetado fisicamente por conta de algum espírito obsessor que se alojou na vida e no corpo daquele indivíduo. Segundo Cavalcanti (2008, p. 19), o espírito obsessor é aquele que “toma inteiramente o corpo do obsidiado e é ele inteira e unicamente o responsável pelos atos praticados”.

Há a fase final da obsessão que, no espiritismo, se dá como possessão. No entanto, esta não é uma coabitação de dois espíritos no mesmo corpo, como se imagina popularmente. Em vez disso, o processo é descrito como uma aderência: o espírito obsessor, um errante, se apega à vítima, envolvendo-a e dominando seus centros de força e energia vital, sufocando progressivamente sua vontade (Cavalcanti, 2008).

O obsidiado não é um mero inocente. O processo tem sua origem em seu livre-arbítrio, que em algum momento, por fraqueza, sintonia vibratória ou vontade mal empregada, abriu uma brecha para o contato com esse espírito inferior. O resultado, porém, é o aniquilamento gradual desse mesmo livre-arbítrio. Seu espírito é subjugado e seu corpo fica sob o domínio de outra vontade, reduzindo a um instrumento.

A Apometria, como já discutido anteriormente, trata desse processo em sua 13ª lei, a “Influência dos espíritos desencarnados, em sofrimento, vivendo ainda no passado, sobre o presente dos doentes obsidiados (bolsões do passado)”. Segundo Wania, para que não ocorram essas obsessões, “você precisa cuidar do seu pensamento, cuidar os seus vícios, suas

⁵ São fenômenos sobrenaturais na qual há ocorrência física, aparições, movimentações de objetos, oscilação de luz e etc.

palavras; com as suas palavras você consegue vibrar de uma forma diferente para não ser tão atrativo para esse lado espiritual negativo”.

O primeiro dia em que acompanhei, de início já estranhei o local, por já ter visitado muitos centros espíritas e locais espirituais; o último local em que eu imaginava que o grupo se encontraria seria uma escola. Neste primeiro dia, no entanto, o atendimento foi “tranquilo”; nada de muito pesado ou que poderia ser chocante segundo minha tia. Cheguei às 19 horas, junto com os médiuns. Todos eles me receberam bem, e apoiaram a decisão de que eu realizasse minha pesquisa com eles.

De início, organizaram a sala, colocaram suas cadeiras em círculo e uma cadeira no meio para que o paciente pudesse se sentar. Eu fui orientada a me sentar fora do círculo para não fazer parte da “corrente”. A corrente é parte fundamental do atendimento, é uma união energética entre os médiuns que mantêm a força para lidar com o Mundo Espiritual. Não pude tirar fotos do local, e nem do grupo enquanto estavam trabalhando, mas, representei em forma de desenho como eles se organizam para o atendimento.

Figura 8 - Desenho do grupo atendendo.



Fonte: Autora.

Durante os atendimentos, não se segue uma estética, como encontramos em Centros Espíritas ou em Centro de Umbanda, onde os médiuns normalmente se vestem de branco ou até mesmo com jalecos. No entanto, pude perceber a importância da distribuição deles em

círculo. Maluf (2005), em seu artigo “Mitos coletivos, narrativas pessoais: cura ritual, trabalho terapêutico e emergência do sujeito nas culturas da ‘Nova Era’”, fala sobre a importância da organização do espaço e dos corpos durante uma terapia espiritual. Neste artigo, Maluf discorre sobre o universo das espiritualidades contemporâneas e terapias alternativas, e o que se denomina “trabalho” terapêutico ou espiritual, constituindo um conjunto eclético de práticas integradas tanto em contextos ritualísticos, como no Santo Daime por exemplo, quanto em processos individuais de autoconhecimento.

A noção de “trabalho” opera em dois eixos: refere-se tanto ao conjunto de procedimentos realizados durante rituais ou sessões, quanto à constante construção de si, marcada pelo investimento afetivo, financeiro e simbólico na própria transformação. Esse processo implica a criação de espaços ritualizados, distanciados do cotidiano, e a manipulação de mediadores simbólicos, como cartas, mapas astrais ou técnicas respiratórias, que funcionam como mitos coletivos ressignificados na narrativa pessoal. Para ela, “a organização de todas essas atividades tem em comum, no entanto, a preocupação de criar um espaço simbólico não-cotidiano e possibilitar uma atitude favorável e um procedimento ritualístico.” (Maluf, 2005, p. 502)

Os médiuns, antes do atendimento, fazem uma pequena reunião para organizar o trabalho do dia. Uma frase que chamou minha atenção, durante a discussão sobre o procedimento de cura dos enfermos, foi a seguinte: “A Apometria é um tratamento; é necessário o retorno dos pacientes”. Isso foi ressaltado pois um dos membros levava uma queixa de um paciente que passou pelo atendimento, foi orientado a voltar para continuar o tratamento, mas não voltou, e assim não obteve êxito em seu processo de cura.

Estiveram presentes, nesse dia, oito médiuns, Cajamar, Taís, Lea, Walkiria, Nelson, Igor, Carol e Marcos. Iniciaram com as orações de abertura e logo depois um dos membros (neste caso, minha tia) começou a realizar os comandos; finalmente em um desses comandos se pediu para abrir a “faixa vibracional” e neste momento todos rezaram as orações do Pai Nosso e da Ave Maria. Como não faço parte da corrente, por meio dos comandos foi pedido para que me envolvesse em uma “cápsula protetora”, ferramenta invisível que protege a pessoa que está fora da corrente e que não doa energia durante os atendimentos. Isso, de certa forma, me confortou visto que os atendimentos podiam ou não ser “pesados demais” para mim.

Acerca dos comandos, sempre notei, conforme fui acompanhando os outros atendimentos, que minha tia os realizava. Em uma das rodas de conversa, perguntei aos

médiuns o que era necessário para estar à frente nos comandos, e se existia alguma hierarquia dentro da técnica:

Todos nós podemos fazer comandos. Um pode dar comando aqui, outro dá outro ali, mas às vezes dentro de uma situação que a gente já teve, se cai um para um lado, cai um para o outro? Então, todos nós podemos dar o comando também. Inclusive era uma instrução que o mentor da Zaida falava: "Vocês podem comandar". Tipo assim, um tá comandando, é o principal, mas se você tá fazendo uma coisa, tá pedindo pra colocar luz, por exemplo, pode ser que a outra pessoa veja necessidade de colocar outra coisa a mais (Cajamar, roda de conversa, 18/08/25).

Ela não tem hierarquia, é tratado como a mediunidade de cada um, o grupo de vidência, o grupo de sensação...que é o sensitivo né? Então é por grupos, é pela sua capacidade de sentimentos e de agregar naquela equipe. Certo? A apometria como se fosse uma equipe e cada um entra com a sua expertise. Então, não tem essa de nível (Wania, roda de conversa, 18/08/25).

Os primeiros atendimentos foram feitos para os “pacientes do astral”, ou seja, espíritos desencarnados que procuram ajuda. Esses espíritos são atraídos pela energia emanada em conjunto naquele local. Neste momento, pode acontecer de os médiuns apenas sentirem a presença desse espírito, seja por meio de algum dos cinco sentidos, ou pela manifestação dele no corpo do médium. Há uma ordem de atendimento feita para esses espíritos também; primeiro são acolhidas as crianças depois os demais. Após entenderem qual é o problema que manifestam, são transportados – através dos comandos – para hospitais astrais, onde serão devidamente tratados.

Começaram, então, os atendimentos dos encarnados. O primeiro paciente, que tinha esperado fora da sala durante todo o processo feito até então, estava ali para seu retorno do tratamento; ele se queixava de muita ansiedade, insônia e tristeza. Os médiuns perguntaram-lhe se após os tratamentos realizados pela Apometria, ele tinha buscado também auxílio medicinal (psiquiatra ou psicólogo), e o mesmo relatou que não. Devido à resposta, foi lembrada ao paciente a necessidade de ele fazer, junto ao tratamento apométrico, também um tratamento com profissionais da área da saúde; neste caso, Cajamar reforçou para que o atendido tomasse seus medicamentos.

Após isso, foi aberta a faixa vibracional do paciente, para tentar resolver o problema trazido por ele e saber se se tratava de uma complicação de outro plano. Os médiuns neste momento sentem coisas como cheiros, dores, veem algumas imagens enquanto estão de olhos fechados; o próximo passo é uma tentativa de entender o que todos esses elementos, em conjunto podem significar. Nelson, um dos médiuns que possui clarividência (um dom mediúnico capaz de ver o Mundo Espiritual), conseguiu enxergar no ombro do paciente uma “entidade” e assim começou o seu processo de retirada e transporte para a “Cachoeira de

Shambala” onde esse espírito obsessor será limpo e devidamente tratado para que não volte mais a prejudicar a pessoa encarnada.

Os comandos eram realizados apenas por Cajamar, enquanto os outros permaneciam de olhos fechados, se deixando levar pelas palavras proferidas. Em minha posição de observadora, obviamente, não pude ficar de olhos fechados; no entanto, me era impossível não ser afetada pelas sugestões induzidas pelos comandos, sendo que muitas delas prenderam tanto minha imaginação, que, como que eu gosto de desenhar, não consegui segurar a caneta e fiz alguns rabiscos em meu caderno de campo do que meu cérebro me sugeria.

Figura 9 - Representação dos comandos



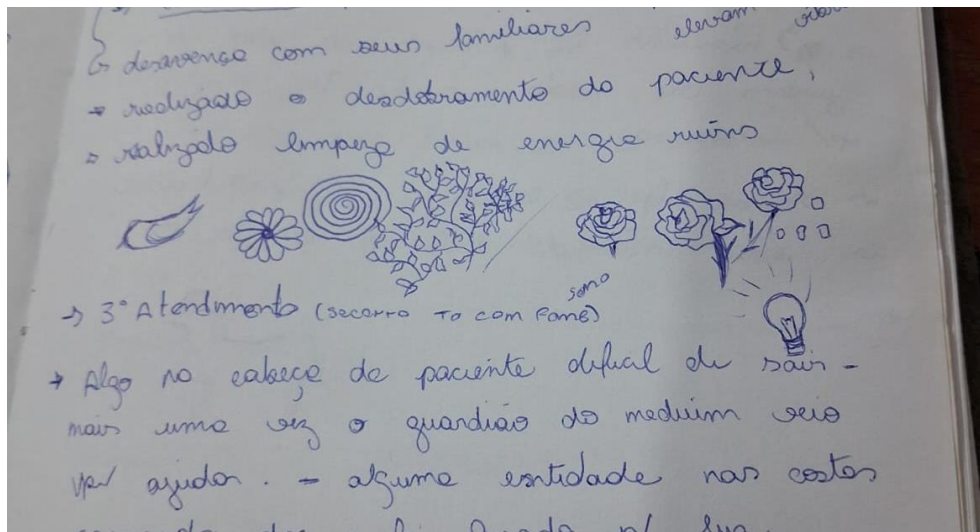
Fonte: Autora.

Figura 10 - Representação dos comandos 2



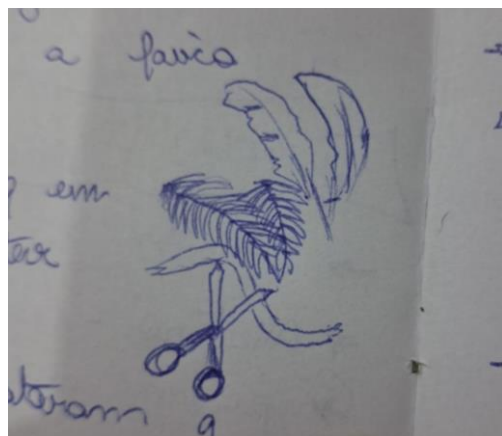
Fonte: Autora.

Figura 11 - Representações dos comandos 3



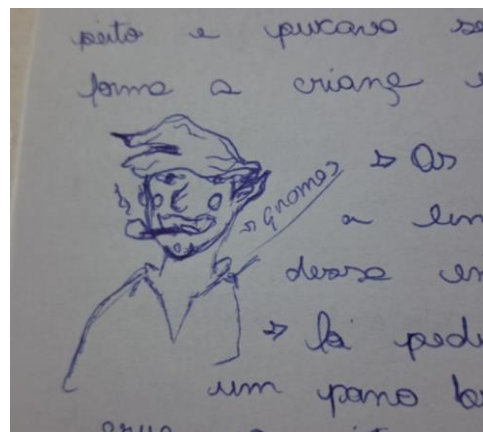
Fonte: Autora.

Figura 12 - Representação dos comandos 4



Fonte: Autora.

Figura 13 - Representação dos comandos 5



Acho interessante o poder dos comandos justamente por me dar a intenção de querer desenhar de uma forma natural, e de certo modo inconscientemente. Imagino, então, como esses comandos feitos – com o paciente de olhos fechados e seguindo as instruções de imaginar todos esses símbolos – podem conduzir a mente do paciente com essas sugestões, e também dos médiuns, facilitando o processo de desdobramento astral, que é necessário para a Apometria. O desdobramento astral é obrigatório em todos os atendimentos e consiste na separação do corpo físico para o plano astral.

Percebo que alguns médiuns conseguem captar rapidamente o que pode estar interferindo na saúde do paciente. Enquanto de outros, normalmente membros mais novos no grupo, exige-se um esforço maior para acessar essa intuição sentida. Thomas Csordas (2008) cita justamente uma situação parecida com essa, quando observou os rituais de cura carismática:

[...] o critério principal que determina o uso da psicoterapia ritual é a disponibilidade de uma interpretação de certos elementos da experiência como sinais indicativos de uma necessidade de oração de cura. É importante reconhecer, num movimento em que mesmo os curadores mais experientes estão trabalhando há pouco mais de uma década, que a habilidade de fazer tal interpretação é produto da socialização secundária. Ao contrário da consciência presumida em certas sociedades tradicionais de que o xamã é um recurso de cuidado à saúde, o recruta do pentecostalismo católico aprende uma maneira nova e não-familiar de interpretar e catalogar a experiência como saudável ou em necessidade da cura (Csordas, 2008, p. 38).

Partindo para outro encontro, dessa vez, antes de realizarem os atendimentos em outros, foi feita uma “limpeza” nos próprios médiuns; um dos médiuns que estava presente por chamada recebeu a entidade Oxúm para realizar a limpeza energética. Iniciaram então os atendimentos do plano físico, e a primeira pessoa atendida foi como “representante” do seu neto, ainda bebê, que ficou do lado de fora junto a outra pessoa esperando. Esta avó estava retornando para que o tipo do tratamento realizado tivesse êxito. A criança estava com problemas para dormir e chorava muito, além de apresentar alguns problemas físicos recorrentes, como gripes e conjuntivites.

No atendimento anterior, os médiuns tinham visto que o bebê era uma reencarnação do tio (filho da avó); já neste segundo atendimento, os médiuns viram que em uma vida passada do bebê, ele teve contato com substâncias tóxicas, o que explicaria as constantes doenças das que a criança não se curava. Além disso, foi identificado que ele estaria, ainda, sendo perturbado pelo espírito do tio que apertava seu peito e puxava seu tornozelo (essas especificações foram sentidas fisicamente pelos médiuns). Isso explicava o porquê desta criança chorar muito, pois estava com dor. Foi feita a limpeza na criança e a expulsão da

entidade; recomendaram para a avó que colocasse na criança um pano branco em forma de cruz no peito, que desse um banho com sal e que realizasse a oração de perdão por quarenta e nove dias.

Neste mesmo dia, mais uma paciente se queixou de dores físicas, dor muito forte de cabeça e insônia. Após a abertura de sua faixa vibracional, os médiuns estavam tentando identificar o que lhe causava esses problemas, quando num dado momento Nelson incorporou seu Caboclo guardião, que em vários atendimentos aparece para ajudar.

Outro ponto que percebo aqui e que também foi mencionado nos encontros do grupo de estudos, é a relação do médium com o seu guia espiritual, segundo Cavalcanti (2008), este ser é:

O responsável por nossa vida, por nosso trabalho geral. É quem nos instrui, nos consola, aconselha e orienta. É o “anjo da guarda dos católicos”. Trata-se geralmente de um Espírito superior que tem por missão velar pelo Espírito encarnado naquela existência (Cavalcanti, 2008, p.79).

O guia espiritual, trabalha junto ao seu médium durante os atendimentos. Esses espíritos, às vezes também podem ser os mesmos que conhecemos na linha da direita da Umbanda como Caboclos, Pretos-Velhos, Baianos, Erês, Marinheiros e Ciganos. De acordo com meus interlocutores, na Apometria eles possuem uma liberdade de trabalhar e incorporar durante um atendimento; trata-se de uma prática que, segundo eles, não é permitida nos Centros Kardecistas. Mas mesmo assim, percebo uma diferença na incorporação realizada nos atendimentos na Apometria com relação à que encontramos num centro de Umbanda. Por exemplo, meus interlocutores me explicaram que é necessário que o guia espiritual respeite a casa em que o médium está trabalhando, havendo um acordo entre os dois. Essa percepção se reflete na fala de Sophia:

Eu senti que os mentores espirituais que aparecem na Umbanda têm uma abordagem diferente, mais próxima das pessoas, com uma linguagem mais fácil, aproximação maior com os médiuns, as pessoas atendidas. Na Apometria eu percebi que os mentores são mais técnicos, falam de forma mais específica, eles falam em um tom de firmeza na voz, são direcionamentos bem específicos e claros (Sophia, entrevista, 09/08/24).

Nelson, neste atendimento, identificou uma entidade nas costas da paciente, a raiz das suas dores de cabeça; logo, a entidade foi encaminhada para a luz. Quanto ao seu problema de insônia, foi pedido para que a paciente mentalizasse seu quarto para que os médiuns fossem direcionados até lá para realizarem a limpeza, utilizando o instrumento de “Malha Crística” através dos comandos. Por meio desse processo, Nelson, com sua clarividência enxergou um presente que a mulher tinha recebido e guardado no seu quarto; ele possuía uma energia muito ruim. Assim, foram realizados os comandos para proteger o

quarto e através disso, identificaram uma entidade ruim tentando se esconder no quarto, que tinha se manifestado em um dos médiuns durante o processo de limpeza e proteção do local. Três dos oito médiuns que estavam trabalhando se queixaram de não conseguirem enxergar nada para entender o que estava acontecendo e o motivo dessa entidade estar escondida no quarto da mulher. Em vista disso, essa entidade, que tinha sido incorporada em Lea, foi encaminhada para a luz através dos comandos.

Este outro atendimento que relatarei foi um daqueles contra quais minha tia tinha me alertado pelo fato deles serem potencialmente “pesados”; para que eu estivesse presente, no entanto se eu quisesse ir, me assegurou que eu estaria protegida. Nesse dia, algo de diferente me chamou a atenção: em minhas observações anteriores nunca tinha identificado nenhum objeto material que fosse utilizado durante os atendimentos; desta vez, no entanto, minha tia me emprestou um chifre de boi, que serviria para capturar demônios ou entidades muito ruins que pudessem fazer mal a mim ou ao grupo. Por mais que eu em nenhuma das vezes que estive presente entrasse para a corrente – e dessa forma minha faixa vibracional não se abria e eu sentiria nada que os médiuns sentem durante o atendimento – o fato de precisar estar com aquele objeto me intrigou. A abertura dos trabalhos e as orações realizadas nesse dia foram feitas com uma firmeza de voz diferente à dos outros dias, e das outras vezes em que me colocaram na “cápsula protetora”.

Antes de atenderem o paciente, os médiuns se organizaram para poder agir com firmeza no atendimento, que seria complicado – lidar com demônios; um deles alertou que o grupo precisava se manter concentrado e focado, pois o demônio poderia se manifestar como uma entidade boa e enganar a todos. Esse tópico me chamou bastante atenção, pois, como identificar se uma entidade é boa ou ruim?

Com o advento da participação do grupo de estudos, me lembrei deste episódio enquanto acompanhava os atendimentos e levei esse questionamento para eles. Segundo Wania, é pela vibração:

Você consegue identificar pela energia. É uma coisa que não dá para explicar. Porque geralmente eles usam da nossa técnica para enganar, porque eles querem se aproximar de você alguma de alguma forma para diminuir a sua defesa. Então, uma criança é mais utilizada ou então uma pessoa assim mais debilitado, é mais utilizado, justamente por quê? Por mais que o ser humano ele tenha lá aquele viés dele de “ai, eu sou muito rigoroso com algumas coisas”, o coração da gente fala muito forte na parte dessas pessoas mais frágeis. Então, eles estudam, tá? A espiritualidade negativa, que os irmãos que estão fragilizados de alguma forma, eles estudam você como médium. Eles conseguem ler você energeticamente para saber aonde eles podem falar e fazer o que eles vão te acertar (Wania, roda de conversa, 18/08/25).

Teve uma vez que veio uma entidade, falando macio... falando igual criancinha “ai tia que não sei o que lá”, pois no final, ele, a gente falou assim, “Não, você não

é criança. Mostra quem você é". Aí ela deu uma risada, falou: "Mas vocês são fofoqueiras, né"? Então, ela se disfarçou de criança para enganar o grupo (Lea, roda de conversa, 18/08/2025).

Pra você ter uma ideia, existem pessoas que trabalham anos com mentores. Porque o guia dela é um guia de luz e realmente ele vem, ele faz algumas coisas boas, entendeu? Ele projeta em você uma energia boa. A gente sente isso muito na umbanda, tá? Mas o que acontece? Você começa a juntar, fazer as coxas de retalho e você vê que aquele guia de luz, aquele seu mentor, na verdade ele não é um mentor, ele é um obsessor forçado. Então, até você chegar nesse conhecimento, é como eu falei, é gradativo. Eu já passei por isso. Então, você acha que é uma entidade de luz, é um guia ali de luz porque fala muito bonito (Wania, roda de conversa, 18/08/2025).

Em seu artigo "Mimesis, dúvida e poder: divindades hindus e espíritos de colonizadores na Guiana", Marcelo de Mello (2020), investiga as complexas interações entre praticantes do culto à deusa hindu Kali na Guiana e espíritos de colonizadores holandeses, entendidos como entidades poderosas e traiçoeiras que habitam antigas plantations e afetam a vida da população local. Ele explora como a possessão espiritual e as manifestações de divindades são atravessadas por dúvidas, hesitações e processos de verificação, tanto em contextos rituais quanto domésticos. Mello (2020) demonstra como a mimese, ou seja, a capacidade de espíritos imitarem divindades, desafia algumas fronteiras e como o poder, a autenticidade e a agência espiritual são negociadas pelos participantes, revelando tanto a incorporação de histórias coloniais violentas quanto a resiliência e adaptação das tradições religiosas em um contexto pós-colonial.

Mello (2020), através deste estudo, nos mostra como a dúvida não é o oposto da fé, mas uma parte crucial dela. Percebo este mesmo processo de mimese no que tange aos espíritos obsessores tratados na Apometria. Quando Wania fala "Você começa a juntar, fazer as coxas de retalho e você vê que aquele guia de luz, aquele seu mentor, na verdade ele não é um mentor, ele é um obsessor forçado", entendo que é um processo saber identificar, se é uma entidade boa ou ruim. Assim como Mello (2020) coloca, a identificação do espírito enganador "nunca é mediatamente evidente. É por meio de uma sucessão de camadas de interpretações, debates, discussões e olhares retrospectivos acerca de pequenos acontecimentos que vereditos se formulam e se consolidam entre as pessoas" (Mello, 2020, pág. 72). A própria teoria apométrica pontua que durante uma incorporação: "Tudo que vem do mundo invisível deve ser avaliado e, na medida certa do possível, filtrado pelo médium – mantendo o comprometimento da verdade e autenticidade" (Sbapometria, 2006).

Logo, a dinâmica de um grupo na hora dos atendimentos segue uma forma de organização. É necessário que haja pelo menos um dirigente (aquele que realiza os comandos) e um doutrinado; este último irá mediar o que o médium incorporado diz, para o

dirigente poder dar os comandos. Segundo Cajamar: “Às vezes é necessário, ter além do médium de incorporação, médiuns com outros dons, para confirmar se aquilo que o espírito incorporado diz é verdade”.

Voltando ao atendimento, antes da paciente entrar, o Caboclo de Nelson já estava incorporado para auxiliar o grupo. As pacientes eram mãe e filha, as duas presentes, voltando a segunda vez para o tratamento. A mãe se queixava da filha apresentar comportamentos agressivos, difíceis de serem controlados. Um dos médiuns incorporou a entidade ruim que estava afligindo a menina. Neste momento senti uma energia pesada que jamais tinha sentido durante os atendimentos anteriores. Por mais que eu estivesse fora da corrente, comecei a sentir tonturas e pressão baixa, com minha concentração que se voltou para minha saúde e, conseqüentemente, perdi um pouco o foco do que estava acontecendo; bebi água, respirei fundo e me concentrei para não desmaiar (através de uma técnica que já estou acostumada a realizar, pois constantemente sofro com as conseqüências da pressão baixa). No entanto, isso de nada adiantou, tinha sido afetada (Favret-Saada, 2012).

Neste momento em que as entidades descem para auxiliar o grupo na Apometria, algo muito rápido e eficiente, nunca tive contato com nenhuma delas e nem elas se direcionaram para mim. Neste dia, não obstante, algo de peculiar aconteceu. Apesar dos médiuns não terem notado que eu estava passando mal, no entanto, O Caboclo incorporado saiu da corrente e se direcionou até mim, pedindo que eu procurasse no meu celular a oração de Salmo 91 e que rezasse em voz alta, que eu voltaria a ficar bem. Não me lembro de como finalizou o atendimento nesse dia, e como passei muito mal não consegui relatar nada em meu caderno de campo.

Favret-Saada, em seu trabalho de campo sobre a feitiçaria no Bocage francês, pode concluir que a feitiçaria não se trata de crença, mas sim de afeto. Afeto esse que é definido como o “resultado de um processo de afetar, aquém ou além da representação [...] Não se trata de afeto no sentido de emoção que escapa da razão” (Favret-Saada, 2012, p.150). Trata-se de viver uma comunicação involuntária e não intencional, um tipo de relação que escapa à mera observação ou à troca racional de informações.

Em um dos encontros do grupo houve a participação de Zaida. Ao longo das minhas conversas sobre Apometria com a minha tia sempre ouvi falar sobre esta senhora. Segundo Cajamar, Zaida foi uma das primeiras pessoas que começaram a trabalhar com a Apometria em Campo Grande. Foi ela que iniciou minha tia na técnica, e passou seus conhecimentos para ela lhe dando a oportunidade de formar um grupo de Apometria. Tudo o que eu ouvia falar da Zaida, era sobre como ela lidava bem com situações pesadas, trazidas pelos pacientes

e como ela trabalhava de uma maneira eficiente. Infelizmente, não consegui entrevistá-la no dia em que a encontrei por ter sido um dia corrido, e nem posteriormente pelo estado de saúde dela. No entanto, pude observar sua forma de trabalho, que de fato era muito mais perspicaz comparada à dos outros médiuns.

Nesse dia receberam um paciente que se queixava de dores nas costas e na cabeça. Os médiuns identificaram uma entidade que estava prejudicando o homem. Um dos médiuns recebeu a entidade em seu corpo, onde por meio deste confessava que realmente estava lhe prejudicando por satisfação. Assim sendo, os comandos foram realizados para que esse espírito fosse embora. No entanto, Zaida conseguiu identificar outro problema neste homem, dessa vez no seu rim. Segundo ela, era possível enxergar que havia muitas outras entidades o perturbando, prejudicando-o não só em seu corpo como também dentro de sua casa. A forma como ela identificou os problemas do homem, realizou a limpeza de seu corpo e da sua casa – essa limpeza na residência é feita através da materialização da casa no pensamento do paciente –, e encaminhou os espíritos obsessores, foi muito mais rápida do que eu já havia observado no grupo. Não houve muita conversa dela com o paciente antes do atendimento e nem durante o processo de limpeza.

3.2 Os atendimentos espirituais segundo os pacientes

Antes de iniciar o meu campo, logo na construção do meu pré-projeto, colocava como objetivo compreender a motivação dos pacientes em irem buscar cura por meio de terapias alternativas. No entanto, hoje, após ter realizado diversas entrevistas, compreendi que não há como tipificar as motivações desses sujeitos. A cura é um processo singular para cada indivíduo, principalmente o processo pelo qual ele busca ser curado. Ao ler a obra *Corpo, significado e cura* de Thomas Csordas, um trecho me chamou muito a atenção no que diz respeito a esse assunto:

A cura em sua acepção mais humana não é uma fuga para a irrealidade e a mistificação, mas uma intensificação do contato entre o sofrimento e a esperança no momento em que encontra uma voz, onde o choque angustiado da vida nua e da existência primeira emerge da mudez para a articulação (Csordas, 2008, p. 29).

Desta forma, observo que em muitos desses atendimentos que presenciei, os pacientes buscavam ser ouvidos, e de certa forma acolhidos de uma maneira em que não são em um hospital convencional. Nas terapias espirituais, há uma escuta sensível, corporal e simbólica, ou seja, ela envolve sentir o outro e acolher as forças que o atravessam, mais do que apenas interpretar o que ele diz. Segundo Miriam Rabelo (2010), a cura espiritual não

acontece pela transmissão de conteúdos ou conselhos, mas por um trabalho de sensibilidade compartilhada, em que curadores e pacientes se alinham em um mesmo campo de experiência. A escuta, nesse sentido, é uma forma de presença, que abre espaço para que o sofrimento do outro seja traduzido em linguagem espiritual, relacionando energia, influência, desajuste, desequilíbrio. Sônia Maluf (2001) também comenta sobre como o corpo tem agência própria; ele fala, reage e comunica. Ou seja, a escuta nas terapias espirituais também é uma escuta do corpo, dos gestos, dos sinais sutis e das manifestações energéticas. O terapeuta espiritual “ouve com o corpo”, e não apenas com o intelecto.

Csordas (2008) trabalha com a questão corporal e a perspectiva da fenomenologia, para compreender a cura espiritual; e essa perspectiva serviu como ponto de partida para minhas próprias observações. Ou seja, que, na minha pesquisa, o entendimento dos processos de cura – e do papel desempenhado neles pela espiritualidade (Toniol, 2023) – passou sempre pela compreensão das experiências individuais. Assim sendo, toda a minha observação foi pautada pela aceitação de um certo envolvimento emocional, como método investigativo e ferramenta cognitiva, alternativo à observação participante convencional (Favret-Saada, 2012).

Ao longo do meu campo acompanhando o grupo de Apometria, realizei algumas entrevistas com pacientes. No entanto, uma entrevista em particular foi feita com uma amiga de infância muito próxima a mim, da qual vivenciei todo o seu processo de cura depois de ser atendida. Sophia e eu nos conhecemos ainda muito novas, na pré-adolescência, e desde essa época ela me dizia que não escutava muito bem de um lado. Para conversar com ela, me alertava: “Não fala desse lado porque eu não escuto”. Sua mãe, Maraci, tinha começado a trabalhar com a Apometria e logo a levou para um atendimento para tentar conseguir resolver este problema que lhe incomodava e muitas dores de cólica que ela sentia:

Eu tenho um problema de audição, na época eu não sabia exatamente por quê e me atrapalhava bastante, eu tava no ensino médio, e aí minha mãe me levou lá pra fazer o tratamento do ouvido e eu tinha um problema na região dos órgãos reprodutores e não sabia por quê. A gente foi, ela falava que a Apometria era essa clínica universal de medicina espiritual para tratar esses casos, tratar as raízes espirituais das doenças físicas. (Sophia, entrevista, 09/08/24)

Depois de um tempo, eu em posição de amiga, pude notar uma diferença no que ela escutava, além dela mesmo ter relatado que tinha melhorado a audição. Durante a entrevista a questioneei se depois do tratamento ela voltou a fazer exames médicos para conferir a melhora na audição:

Foi colocado um aparelho espiritual no meu ouvido, e depois eu lembro que precisei fazer uma adiometria pra fazer o ENEM, tinha que levar a documentação, depois do tratamento eu percebi uma melhora positiva na qualidade da minha audição. Percebi que eu tinha melhorado 5/6% de potência da minha audição do

ouvido direito. Foi feito o tratamento no aparelho reprodutivo, e me ajudou muito também porque as dores quase desapareceram, foi uma coisa positiva para mim (Sophia, entrevista, 09/08/24).

Há uma similaridade nas respostas dos pacientes em relação a minha curiosidade de saber quais foram as suas percepções durante o atendimento. Todos me relataram que se sentiram confortáveis e acolhidos. Denise, uma paciente que conheci durante meu campo, diz ter “sentido várias manifestações durante o atendimento, alívio e muito conforto”, quanto a Sophia:

Senti alívio quando participei dos tratamentos para o útero, porque senti alívio de dor física. Do ouvido foi uma coisa gradativa então eu quase não percebi as coisas mudando, só percebi quando eu fiz o exame. Mas como era um grupo que tinha muitas mulheres e que minha mãe fazia parte, e era uma coisa tranquila, todos falavam em voz bem baixa, eu tinha a sensação que estava sendo cuidada ali, me trazia bastante tranquilidade. Eu não senti medo dentro dos meus tratamentos não (Sophia, entrevista, 09/08/24).

Há um processo psicoterapêutico que ocorre nos atendimentos, onde há um ouvinte ativo (o médium) e o paciente que se queixa de seus problemas. O curador interpreta as sensações, aflições e problemas do suplicante, e por meio de perguntas traz o paciente, conseqüentemente, a pensar a respeito dessas internalizações que lhe causavam mal, enquanto ocorre o tratamento. Tomando emprestadas as palavras de Csordas (2008):

A noção de retórica, comparada às noções de sugestão, de apoio e de sustento, ou efeito placebo, ajuda no reconhecimento de que a cura depende de um discurso significativo e convincente que transforma as condições fenomenológicas sob as quais o paciente existe e experiencia sofrimento ou aflição (Csordas, 2008, p.50).

Para alguns tratamentos, foi necessário que o paciente voltasse. Para Denise foi instantâneo e não precisou voltar. Já no caso da Sophia: “Ditou mais ou menos 2 meses; tive que voltar 3 semanas seguidas. Depois de 6 meses eu voltei para eles recolocarem o aparelho (espiritual)”. E Glaucia – que também conheci durante o campo – não relatou sobre o que tinha tratado, mas disse que durou dias e também teve que voltar.

Me interessava em saber também, por qual motivo essas pacientes buscavam cura na Apometria e não em outros grupos espirituais, e quais eram as diferenças do tratamento no sentido dos médiuns com o paciente, e o sentido de cura. Segundo Glaucia: “O tratamento é individual e sigiloso. A pessoa é tratada pelo grupo sem que outros escutem ou participem. Isso te deixa mais confortável e segura”. Já Denise coloca que a técnica se diferencia de outras terapias alternativas e cirurgias espirituais pelos seguintes motivos: “A Apometria utiliza pulsos energéticos, trabalha com a física quântica e vários comandos específicos e o tratamento é individual”. Por sua vez, Sophia nos ofereceu as seguintes explicações:

A energia dos terreiros são bem fortes, e quando você é uma pessoa mais sensível você costuma sentir mais, a vibração ali junto com os cantos com as músicas de ver as entidades incorporando de uma maneira mais física, expansiva, e na

Apometria não tem isso. A energia é bem mais sutil sinto que o ambiente fica mais leve, não que seja ruim a energia do terreiro, eu gosto, mas é bem diferente da Apometria. Eu senti que os mentores espirituais que aparecem na Umbanda têm uma abordagem diferente, mais próxima das pessoas, com uma linguagem mais fácil, aproximação maior com os médiuns, as pessoas atendidas. Na Apometria eu percebi que os mentores são mais técnicos, falam de forma mais específica, eles falam em um tom de firmeza na voz, são direcionamentos bem específicos e claros. Os comandos, nos terreiros você não escuta nada, não sabe exatamente o que está acontecendo, mas os comandos na Apometria te dão uma certa noção do que eles estão fazendo a cada momento, pede pra tirar, pra subir, pra descer...e você vai imaginando, mas no terreiro isso não acontece. Não tem a parte ritualística que tem na Umbanda, as entidades vêm de uma maneira mais leve e rápida, sutil, sem que os médiuns precisem ingerir bebidas alcóolicas, trocar de roupa. Na Apometria as entidades trabalham de forma direta, vêm, fazem seu trabalho e voltam. Sem ter um período de ficar ali no ambiente, conversando, passando energia. A parte dos comandos me chamou atenção, porque é realmente uma coisa muito diferente, você imaginar tudo que eles falam é muito etéreo, por exemplo quando eles vão fazer a limpeza do ambiente na casa, chamam “as equipes”, os médiuns que trabalham, eles deslocam os corpos das pessoas, levam para hospitais, conseguem enxergar, quando tem uma médium que trabalha com vidência, conseguem enxergar se existe alguma ligação/problema com a vida passada, isso é muito interessante (Sophia, entrevista, 09/08/2024).

É perceptível a escolha dessas pacientes em serem atendidas pela Apometria, por serem recebidas com acolhimento, em um atendimento individual e sigiloso. O último relato de Sophia se destaca a descrever com riqueza de detalhes a sua percepção de ser atendida pelo grupo de Apometria e suas experiências em outros locais espirituais.

3.3 As terapias espirituais segundo os médiuns

Sempre me chama atenção a questão de a Apometria ser colocada como técnica, ou seja, existe um modo certo de realiza-la, gestos e fala padronizados, para que tudo ocorra conforme o esperado, assim sendo “a eficácia da magia implica na crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas” (Levi-Strauss, 2014, p. 182). Posto isto, o entendimento do que é “técnica” para os médiuns tem a ver, justamente, com o procedimento, e a forma pela qual este se aproxima de um procedimento científico, metódico:

Técnica em Apometria são os comandos que são dados com impulsos, que são feitos, normalmente, com o estalar dos dedos, mas pode ser com o bater da mão sobre uma superfície ou qualquer outro movimento que seja cadenciado e que seja contado iniciando em 1 até 7, ou 14, dependendo do comando. Os comandos são dados para cada ação que você deseja, daí a necessidade de estudo e boa observação para que sejam feitos os comandos certos em cada situação. Isso é fundamental para que se tenha êxito no atendimento (Maraci, entrevista, 28/07/2024).

Maraci tem 56 e é professora e se diz ser espiritualista quando lhe pergunto sobre sua religião. Ela conheceu a técnica de Apometria com uma amiga que a levou há alguns anos,

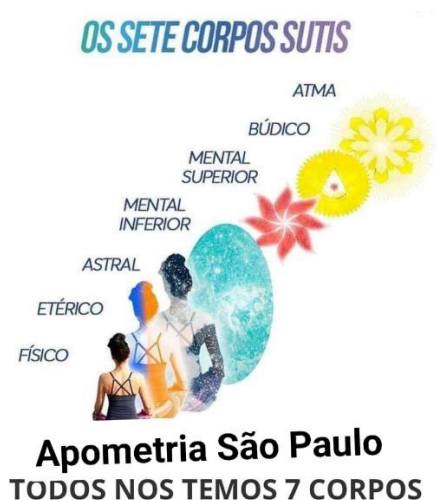
para conhecer e ser atendida. Desde então, ela começou a trabalhar e foi se aperfeiçoando na técnica:

Eu fui, em primeiro momento para conhecer a técnica, e como gostei do que encontrei, vi que se tratava de um grupo sério, que as pessoas estavam muito preparadas, conhecendo bastante a técnica aplicada nos atendimentos e vendo que estavam ajudando várias pessoas, pedi para passar por um atendimento. No meu atendimento eu tive muitas crenças limitantes que estavam impedindo meu crescimento pessoal, serem derrubadas e se abriu um novo modo de ver a vida, o que me levou a tomar várias decisões, posteriormente, para a melhoria da minha autoestima, da minha relação com a família e amigos. Inclusive a minha vida profissional também teve reflexos positivos através de várias oportunidades de crescimento e desenvolvimento (Maraci, entrevista, 24/07/2024).

Taís, também membro do grupo e professora, pratica a religião Espírita, também conheceu a técnica por meio de amigos. Para ela, técnicas “são os comandos que atuam na energia da pessoa”; e para Lea, que trabalha como Agente de Ações Sociais e também é membro do grupo, “a Apometria é uma técnica e não uma linha espiritual ou religião”. Há também uma curiosidade de minha parte, em entender o que os médiuns que trabalham com a Apometria entendem por corpo, já que é uma técnica cujo o objeto central é o corpo, onde ele é “o veículo necessário para a experiência vivida no plano físico [...]” (Chiesa, 2020, p 43):

A apometria enxerga sete corpos: O corpo físico, corpo etérico ou duplo etérico, corpo astral, corpo mental inferior, corpo mental superior, corpo búdico e corpo anímico. Entende-se, que o corpo físico é o mais denso, mais próximo à matéria e que o corpo anímico é o mais sutil, mais próximo ao divino. O corpo físico nos permite uma vida no plano terrestre, é o corpo que vemos; os demais corpos servem para nos conectar com o divino... faz parte da nossa vida espiritual, que não enxergamos. Todos os 7 corpos são afetados pelas energias que estamos inseridos, nos ambientes que vivemos e que visitamos, trazendo boas sensações ou nos trazendo sensações ruins, podendo nos levar à saúde ou à doença física, psicológica ou espiritual (Maraci, entrevista, 28/07/2024).

Figura 14 - Os sete corpos sutis



Questiono a noção de corpo para os médiuns, pois ele é o instrumento mediador do contato com os dois planos, o visível e o invisível, assim como afirma Chiesa (2020, p 39: “A imaterialidade (dos mortos) depende da mediação da materialidade (dos vivos), ou melhor, dos seus ‘materiais’, para se fazer presente e ‘fazer fazer’”.

Maria Laura Viveiro de Castro Cavalcanti (2008) define o mundo segundo os espíritas, em seu trabalho “O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo”, em duas realidades: o mundo invisível e o visível. Neste primeiro universo, abriga os Espíritos e seres que foram desencarnados, estando esses seres em categorias de evolução espiritual diferentes. Já o mundo visível é a realidade em que vivemos, onde existem seres e coisas palpáveis, onde os Espíritos estão encarnados. Ambas realidades estão interligadas. Desta forma, o que acontece no universo invisível pode afetar o visível, e vice-versa. Por exemplo, um paciente pode vir a se queixar de problemas de saúde ou de cotidiano; isso pode ser um problema de obsessão, onde um espírito desencarnado chamado “o obsessador se cola em toda a extensão do corpo de sua vítima e domina os centros de força e de energia orgânica” (Cavalcanti, 2008, p. 19). Também é possível encontrar a situação inversa, assim como menciona Maraci: “O que mais afeta a saúde da pessoa são as energias que estão ao redor, seja na família, no trabalho, no lazer. Essas energias podem afetar seus corpos sutis refletindo negativamente para seu corpo físico, em forma de doenças”.

Dentro do espiritismo é presente a noção do carma e da reencarnação, ou seja, quando o indivíduo desencarna do mundo visível com questões mal resolvidas, ele pode continuar voltando (encarnando) até a resolver essas questões:

A noção de carma, semelhante à do hinduísmo e do budismo que concebem um cosmos no qual nenhum fato moralmente significativo se perde, afirma no Espiritismo que, a cada encarnação, o Espírito colhe os frutos bons ou maus de seu próprio passado. A loucura, por exemplo, pode ser interpretada como um “tempo de suspensão”, uma paralisia como uma “dívida a ser saldada”. Os males que afligem o homem nessa vida podem ter como uma de suas causas o carma. (Cavalcanti, 2008, p. 13).

Não é, pelo ponto de vista espírita, uma punição somente, mas sim a possibilidade de evoluir espiritualmente. A questão do carma também é traduzida na Apometria; no entanto, diferentemente do Espiritismo, onde precisa voltar diversas vezes ao mundo visível até reparar seus erros, dentro da Apometria existe uma solução definitiva, assim como menciona Cajamar:

⁶<https://www.facebook.com/apometriasp/posts/n%C3%B3ssos-7-corposn%C3%A3o-temos-somente-o-corpo-f%C3%ADsico-somos-uma-composi%C3%A7%C3%A3o-de-um-corpo/1262742692550928/>.

Para mim é uma ferramenta, um instrumento fantástico, de trabalhar com a espiritualidade para atingir o equilíbrio, a cura. Acho fantástico a Apometria. Antigamente se acreditava que você tinha que vir aqui e voltar em outra vida. Você tem o algoz e a vítima, aí a vítima virava o algoz e o algoz a vítima. Com a técnica da apometria você consegue resolver isso aqui agora. (Cajamar, entrevista, 23/06/2024).

Durante as entrevistas perguntei às minhas interlocutoras se elas se lembravam de algum caso onde foi visível o resultado, e quais aspectos auxiliaram na cura do paciente. Taís relatou um caso de duas irmãs, cujos pais se queixavam de não conseguir acalmá-las, sendo que elas não conseguiam dormir: “As crianças atendidas ficaram mais calmas, voltaram a dormir tranquilas e pararam de ver coisas. Por consequência os pais ficaram em paz”.

Já Lea dá de exemplo o caso de Sophia: “Caso de surdez. A consulente tinha um nível alto de surdez, com laudo médico inclusive. Depois do tratamento o percentual de audição melhorou bastante o que alterou o laudo.” Segue o depoimento de outra médium:

Vou contar um atendimento muito impressionante para mim. Atendemos uma criança autista bastante comprometida. Ele não andava, não tinha foco em nada, e não interagía com as pessoas. A mãe o trazia no colo, apesar de ele já ser um menino de uns 8 anos de idade. Conforme os atendimentos foram sendo feitos, ele começou a ter melhoras e depois de um tempo, o menino começou a andar e a ter mais foco, o que permitiu que ele conseguisse se comunicar com a mãe e com os profissionais que o acompanhavam com mais clareza. A mãe não deixou de levá-lo aos atendimentos de todos os profissionais que o acompanhavam desde o nascimento, mas ela garantiu que somente depois dos atendimentos da Apometria que seu filho conseguiu fazer progressos nos demais atendimentos (Maraci, entrevista, 28/07/24).

Meu primeiro contato com a Apometria foi para o tratamento da minha filha (Maria Julia). Que conseguiu resolver já na primeira consulta. Desde então, sigo trabalhando. No momento não estamos atendendo o público, pois estamos sem local para atendimento, e o atendimento é em grupo, trabalhando em grupo, a energia é maior e temos mais segurança (Zulma, entrevista, 31/08/2025).

O atendimento em questão que minha mãe cita, onde eu fui consultada, foi há muito tempo. Tanto que foi necessário que ela me lembrasse do motivo pelo qual foi procurar ajuda. Com meus 8/9 anos de idade, tive um problema de pele na região da barriga; não é um acontecimento que me lembro muito bem, mas lembro que me incomodava bastante. Mesmo depois de ter sido resolvido anos atrás, sem nenhuma mancha ou cicatriz, pessoalmente nunca me senti à vontade usar roupas que mostrassem minha barriga (penso que também possa ser alguns problemas de autoestima). No entanto, essa sempre foi uma questão da qual não comento com outras pessoas. Esse resgate do tal atendimento de que fala minha mãe, portanto, me chamou atenção:

Procurei ajuda para curar as bolhas que apareceram no seu corpo, principalmente no abdômen, e nenhum dermatologista conseguiu curar. Foi através de uma única consulta, e as bolhas sumiram, nunca mais apareceram, e não ficou nenhuma

marca. A única coisa, foi que havia inibição em ficar com a barriga de fora (Zulma, entrevista, 31/08/2025).

Na relação entre espiritualidade e modernidade, percebe-se, segundo Rodrigo Toniol (2024), que a espiritualidade é amiúde mobilizada para criticar a religião e alguns aspectos dela entendidos como deletérios. Assim, algumas crenças modernas estão ligadas a conceitos científicos, como por exemplo, a física quântica, baseadas na ideia de que as coisas podem estar em dois lugares ao mesmo tempo; elas só escolhem um estado quando são observadas e duas partículas podem estar conectadas mesmo a quilômetros de distância. Isso provoca, partindo do sentido da Apometria, uma mimese (Taussig, 1993), onde essas práticas incorporam elementos da medicina convencional ou do discurso científico, sem necessariamente perder sua identidade espiritual, transformando-se em uma “ciência espírita” (Chibeni, 1991). Observa-se então a afirmação do discurso da cientificidade interligada à Apometria, de modo que, por ela conter técnicas – maneiras específicas e padronizadas a se seguir -, é uma ciência.

Entendo que meus interlocutores reforcem a Apometria como técnica, no sentido que Mauss (2003) dá a esse termo, de um ato tradicional eficaz, isto é, uma maneira socialmente aprendida e transmitida de usar o corpo para produzir determinado efeito. Ela possui eficácia reconhecida socialmente (não apenas simbólica, mas prática), é coletivamente ensinada, ainda que pareça individuais e envolva o corpo como primeiro instrumento. Ou seja, para eles, a técnica possui uma eficácia funcional, assim como a biomedicina.

No entanto, observo que mesmo ela sendo reforçada como técnica, o que é aprendido manifesta-se como ritual, e o que é ritualizado adquire a força de uma técnica, unindo eficácia simbólica e prática na produção da cura espiritual. Na Apometria, as contagens, comandos mentais e estalos de dedos são técnicas que visam a eficácia terapêutica, mas, como todo ritual, também comunicam crenças e valores partilhados. Assim, não há uma plena distinção entre técnica e ritual, sendo que essas duas dimensões da agência se misturam, se atravessam e se influenciam mutuamente. Retomarei essa discussão no próximo capítulo, onde acrescento reflexões acerca do distanciamento da espiritualidade da religião, para se aproximar à ciência.

Após analisar os atendimentos, entender o ponto de vista tanto dos consulentes quanto dos médiuns, compreendo a importância da narrativa nos atendimentos, onde há uma situação que precisa ser interpretada pelos médiuns. É proporcionando um sentido à história pessoal do consulente que eles conseguem tratar seus problemas. Observo também como há uma dedicação dos médiuns ao trabalho de ajudar o próximo, tentando curá-lo. Muitas vezes,

enquanto estive em campo, notei alguns dos médiuns que chegavam dizendo que tiveram dias ruins, estavam muito cansados do serviço; no entanto, o fato deles estarem naquele local, trabalhando, lhes motivava: “A minha motivação é ver o retorno que o trabalho dá, ver as pessoas melhorarem, de serem curadas. É o melhor retorno, atender a pessoa e depois saber que ela melhorou” (Cajamar). Essa noção de trabalho cumprido está presente na prática espiritual, pois:

Trabalho refere-se a dois momentos da experiência, a dois campos de significação diferentes e complementares. No primeiro, descreve os diversos momentos da situação terapêutica e espiritual (a consulta, o ritual, os procedimentos práticos); nesse sentido, é a terapia propriamente dita, assim como a forma nativa para designar o ritual. No segundo campo de significados, trabalho sintetiza o estilo e o projeto de vida da pessoa em terapia. (Maluf, 2005, p. 500).

Esses “pequenos sacrifícios”, estão presentes também em religiões como a Umbanda, onde existem as “obrigações”, tarefas que o médium precisa realizar para poder trabalhar com os seus guias dentro do terreiro, criando uma trajetória de crescimento pessoal e ritualística. Dessa forma, observo esses “pequenos sacrifícios” nos atos de: se tirar um tempo de um dia da semana; se deslocar ao local; dispor de energias – pois para alguns atendimentos, pode ser que o médium se canse energeticamente, o que também pode consequentemente causar um cansaço físico – e se debruçar aos estudos, já que de acordo com Maraci: “Não se pode fazer atendimentos apométricos sem estudo e conhecimento. A busca constante por conhecimento, é imprescindível para que se possa fazer atendimentos responsáveis e que tragam, realmente, melhoria na vida das pessoas”. Isso se soma ao fato de ter empatia e amor ao próximo no momento dos atendimentos, a eficácia da cura aconteça tanto para os pacientes (que buscam terem seus problemas físicos/psíquicos ou espirituais resolvidos), quanto para os médiuns que atingem esse crescimento espiritual, melhorando na sua vida pessoal.

No decorrer de meu campo, observei que todos os médiuns tanto do grupo Amor e Caridade, quanto do grupo de estudos, já haviam passado pela situação de paciente, ou seja, eles já estiveram nessa liminaridade (Turner, 2005) da suspensão entre a saúde e a doença, entre a vida e a morte. Os questionei durante os encontros de estudo, segundo Wania:

Tem uma máxima que fala, tá, mas que é bem verdadeira. A gente fala que é uma frase, mas na verdade não é somente uma frase, ele se transformou como uma máxima dentro de toda religião que trabalha com a espiritualidade ou qualquer outro tipo de religião. Quem não vem pelo amor, vem pela dor. Então, a história, para cada um procurar um grupo religioso ou apometria é diferente. Uns vão para conhecimento, que é uma novidade, que é entender. Os outros vão porque a própria espiritualidade se encarrega de conduzir aqueles trabalhadores para aquela determinada casa. É, tipo, nada por acaso, né? Tudo é encaminhado, ninguém chama, às vezes a gente acha que é uma coisa involuntária, mas não é. Todo mundo cai no mesmo lugar porque é ali que tem que trabalhar (Wania, roda de conversa,

25/08/2025).

Existe um processo de pacientes que buscam a cura através da Apometria, se encantam com a técnica, e começam a trabalhar com ela. Esse foi o caso de Cajamar, por exemplo, segundo ela:

No meu caso, eu fui primeiro pela dor e depois eu fiquei encantada e... é foi o amor. A verdade eu fui porque o Lucas, seu primo, vivia doente, né? Quando era bebê, ele nasceu, quase perdi ele. E aí foi quando o Silvio e a Jaque foram me atender e aí falou: "Ó, você tem que ir lá" (na Apometria), "fala com a Zaida". A Zaida já era conhecida. Aí eu fui, foram dois atendimentos. No primeiro já falou tudo que ele tinha como é que era. Eu nunca vou esquecer que falava assim: "Parece que que tão amarrando ele assim, quando ele respira a cabeça dele é até maior que o corpo". E ele não tinha ido, eu não tinha levado, falavam "Quando ele quer respirar, apertam ele de novo". E aí foi um tratamento de duas vezes e aí na segunda vez que eu fui, me chamaram: "Você não quer vir para participar da Ave Maria?", já me chamando para ir para o pro grupo. E aí eu não quis ir, daí teve um dia que o Silvio veio aqui e falou: "Por que que você não vai?" Eu falei: "Porque chamaram para ir para tal de Ave Maria." Ele falou: "Sabe, quem que é chamado para ir nessa Ave Maria?" Eu falei: "Quem?" "Quase ninguém. Todo mundo é louco para ir. Tem gente do grupo que não é chamado. E você foi, e não vai?" [...]" (Cajamar, roda de conversa, 25/08/2025).

Assim observo essa outra liminaridade (Douglas, 2012) onde o sujeito se encontra entre a condição de paciente e o papel de médium, vê na técnica da Apometria uma ordenação e sentido para sua vida. De acordo com Mary Douglas (2012), às formas de fé dão ao ser humano o que ele necessita ouvir, mas para além do verbal, um objeto, um símbolo para fixar um sentido ou significado. Ainda segundo Douglas, religião sacraliza a ordem e produz a vida social através de uma série de rituais de separação.

Sendo assim, o esquema mais poderoso de representação simbólica do mundo, é o em que um indivíduo com algum sofrimento encontra na religião uma ordem para seus problemas. Dentro das religiões encontramos essas dualidades ou diferenças, e é só exagerando nessas diferenças que se cria uma aparência de ordem, por exemplo, a morte como desordem e a vida como a ordem, além da questão da higiene como maneira de se manter o código e a conduta. Não só dentro de uma religião, mas como também em uma cultura são perceptíveis diferentes códigos de higiene e conduta. Um exemplo da autora são os rituais de pureza e impureza, sendo que a construção da vida social é construída pelos rituais de limpeza e purificação. O ritual, para Douglas, é a melhor forma de um indivíduo compreender e atualizar os significados que a religião oferece para ele.

4 A APOMETRIA, ESPIRITUALIDADE E SAÚDE

Este capítulo tem como objetivo discutir as relações entre espiritualidade, saúde e os modos como a Antropologia tem abordado as fronteiras entre ciência e religião. O interesse está em compreender como certas práticas contemporâneas, como a Apometria, desafiam divisões consolidadas entre o racional e o espiritual, o científico e o religioso. Ao longo da história da Antropologia, essas fronteiras foram constantemente tensionadas, revelando que o que se entende por “crença”, “cura” ou “conhecimento” varia conforme os contextos históricos e culturais. Nesse sentido, este capítulo propõe examinar a emergência da espiritualidade como linguagem de cuidado e transformação no mundo contemporâneo, articulando-a às discussões sobre secularização e à trajetória antropológica que pensou a religião como forma de ação e sentido.

4.1 Espiritualidade e saúde: novos modos de cura e experiência

Nas últimas décadas, observa-se um crescente interesse pelas práticas que articulam espiritualidade, corpo e saúde, situadas entre os campos religioso e terapêutico. A espiritualidade deixa de ser compreendida apenas como dimensão da fé institucionalizada e passa a ser mobilizada como experiência de autoconhecimento, equilíbrio e cura. Uma consequência do processo de individualização, ocorrida na modernização reflexiva (Ulrich Beck, 2010). Esse processo fez com que os indivíduos fossem responsáveis por estabelecer suas formas de vida individual e coletiva, sendo a expressão de suas escolhas (Beck, 2010). Nisso, há uma dissolução de elos e formas de dominação e relações tradicionais.

Essa transformação acompanha um movimento mais amplo de redefinição do cuidado, em que o bem-estar é associado à harmonização de dimensões físicas, emocionais e espirituais. Nas terapias espirituais, o corpo é entendido como mediador entre diferentes planos de existência, uma ponte sensível entre o material e o sutil.

Miriam Rabelo (2010) propõe uma análise acerca das religiões por meio dos sentidos, envolvendo o corpo e o deixando sentir, ou seja, a percepção do corpo é a chave central para se compreender a religião. Como já explicitado, minha metodologia seguiu a que Sarah Pink (2021) propõe como etnografia sensorial. É dessa forma que consigo trabalhar a abordagem fenomenológica, pois só com essas bases pude de fato compreender meu campo. Enfatizando a experiência vivencial, pude ser afetada pela interação em campo, modificando meu ponto

de vista sobre a Apometria, construído através das trocas de experiências, impressões e visões de mundo com meus interlocutores.

Nesse sentido, observo o meu campo com outros olhos, compreendendo que o que acontece nele vai além da eficácia simbólica. Fátima Tavares e Francesca Bassi (2013), no livro *Para além da eficácia simbólica: estudo em ritual, religião e saúde*, trazem autores que argumentam como o conceito de eficácia simbólica (Levi-Strauss, 1967) não cabe mais às análises dos rituais contemporâneas, sobretudo dos tratamentos religiosos. Não há como se limitar aos símbolos e ao curador.

Para Levi-Strauss (1967), o conceito da eficácia simbólica funciona pois organiza simbolicamente o sofrimento. O mito ou a palavra ritual dão forma ao sofrimento, fornecendo uma estrutura simbólica, por meio da qual o doente o internaliza, desencadeando, assim, um efeito não apenas psicológico, mas também físico. A cura resultaria, portanto, da eficácia do sentido, de uma transformação interior produzida pela linguagem simbólica. No entanto, este pensamento estruturalista reduz o corpo, a experiência sensorial, os agentes, os objetos e afetos à linguagem.

A partir da abordagem fenomenológica de Merleau-Ponty (2013), a noção de eficácia passa a ser múltipla, nos olhares da antropologia pós-simbólica. Sonia Maluf (2001) propõe dar atenção a como as pessoas vivenciam os rituais tanto corporal, emocional e sensorialmente. Para ela, os rituais são eficazes não porque transmitem verdades simbólicas, mas porque fazem as pessoas viverem algo especial. Desta forma, devemos entender a eficácia não como explicação simbólica ou semântica, mas como um processo mais abrangente de transformação do sujeito. Na resenha de Gustavo Ruiz Chiesa deste mesmo livro, o antropólogo menciona que “ao contrário, ou mais do que isso, o que torna um agenciamento eficaz não é o que ele representa, mas as transformações e as afecções que ele provoca, os efeitos que produz, a adesão que implica; é, portanto, o que ele faz fazer” (Chiesa, 2013, p. 143).

No início de meu percurso dentro do mestrado em Antropologia, meu projeto de pesquisa se limitava em compreender como funcionava o processo de eficácia simbólica. Pouco eu sabia a respeito dessa abordagem, pois vindo de uma formação em História, não tive acesso a outras pesquisas que falassem a respeito do além da eficácia simbólica. Por tanto tendo meu objeto de pesquisa, acreditava que era apenas esse o meu foco. Ao participar dos atendimentos, fui entendendo que o que ocorria ali era mais do que a eficácia simbólica que Levi-Strauss propunha. Contudo, como uma mera ouvinte e observadora, sem a devida instrução e conhecimento da própria Antropologia, e sobre o que era de fato a

Apometria (os termos, os comandos, as manifestações), tudo ainda era vago e carente de elucidações.

Quando surge a oportunidade de comparecer aos encontros para estudos em grupo, eu me interessei em participar para aprender o que era a tal técnica. Foi a partir desses encontros que o meu campo foi elucidado. Entendi sobre a importância do corpo, da intenção de curar, e daqueles que estavam trabalhando no grupo (ou tinham a intenção de trabalhar). Vi que realmente ia além da eficácia simbólica; era compreender a importância da relação daquele grupo, enxergar o denominador comum que os unia, o sentido de cada um para curar e trabalhar, e a importância do corpo naquele espaço, como sendo o próprio espaço, pois é através dele que tudo é possível dentro da Apometria.

Antes de meu campo, compreendia que a Apometria era técnica, um meio pelo qual a pessoa enferma buscava e se tratava com os curadores, onde a cura simbólica era possível porque havia correspondência entre as estruturas simbólicas (do mito e do rito) e as estruturas inconscientes do pensamento humano (Levi-Strauss, 1967). Mas hoje entendo, assim como meus interlocutores pontuam, que ela é só um instrumento de algo maior, que é a espiritualidade. Demorei a entender isto, justamente por me focar apenas na parte teórica de meu objeto de estudo, não dando atenção ao que acontecia diante de meus olhos.

Para os médiuns e pacientes acompanhados no campo, a Apometria é sinônimo de cura. As enfermidades não se restringem ao corpo físico, mas se manifestam nos diferentes corpos sutis, demandando uma intervenção espiritual para que a pessoa reencontre equilíbrio. Esse modelo amplia a noção biomédica de doença, situando a cura como um processo que envolve dimensões físicas, emocionais, espirituais e relacionais. A espiritualidade, nesse contexto, não aparece como crença, mas como experiência vivida, corporificada, afetiva.

Para entender a experiência de cura espiritual, não basta observar apenas o paciente curado, mas todo o processo pelo qual ele passou e compreender como a fé modela o corpo. A noção de corpo aqui é desconectada do modelo dualista ocidental, onde o corpo físico é a única base para identidade do sujeito, ou seja, ele passa ser um mero receptáculo de símbolos e se torna o próprio produtor de sentido.

O conceito de *embodiment* que Thomas Csordas propõe, coloca o corpo não como apenas objeto da cultura ou da medicina, mas como base mesma da experiência. Em seus estudos sobre cura carismática, Csordas (2008) mostra que os processos terapêuticos atuam sobre a atenção somática, reorganizando modos de sentir e perceber. Algo semelhante ocorre na Apometria, quando médiuns e pacientes relatam sensações físicas, alterações emocionais

ou visões durante os trabalhos. Nesses momentos, o corpo não é apenas suporte biológico, mas campo de ressonância no qual forças espirituais e subjetivas se entrelaçam.

Desta forma, Miriam Rabelo (2010) elucida como os tratamentos religiosos vão muito além da transmissão de crenças, transformando a maneira como os indivíduos compreendem e se posicionam diante de suas aflições. A transformação se dá fundamentalmente através do corpo, da sensibilidade e da experiência prática.

Em relação à compreensão prática e corporal, Rabelo (2010) traz o exemplo do ritual do *bori* no Candomblé, que segundo ela, visa estabelecer o equilíbrio da pessoa, dando de comer à cabeça (*ori*). Assim sendo, o corpo do indivíduo é submetido a uma série de manipulações, onde a cabeça é lavada, recebe oferendas de comida e sangue, e a pessoa é colocada em repouso por quase um dia inteiro. O sujeito após esse ritual, compreende que há uma sintonia entre o corpo e o entorno. Logo o ritual envolve um processo de aprendizagem, “compreender é reconhecer – ser tocado ou afetado pelo estilo latente proposto pelas coisas e lugares. É também uma experiência sensível” (Rabelo, 2010, p. 5).

O desenvolvimento da habilidade de sentir, faz parte do processo de cura. Sonia Maluf (2001) descreve que a transformação religiosa é um processo de aprendizado, não de conteúdos, mas de habilidades e sensibilidades desenvolvidas no contexto espiritual. Essa ideia me chama atenção, pois logo resgato a fala de Wania, que apresentei no capítulo anterior. No dia 18/08/2025, eu questiono ao grupo de estudos, como são resolvidos os problemas de outras vidas, e se obsessores podem voltar a atormentar um paciente. Wania me explica que, após o tratamento com a Apometria, o paciente precisa mudar seu modo de vida sutilmente:

Se você foi bem tratado, se você cumpriu todos os seus preceitos ali dentro da Apometria e cortou essa ligação com essa pessoa, ele não volta mais. Agora, se você voltou naquela vibração, voltou naquela forma, pensamento, de atração, você pode atrair. Não só ele (obsessor tratado), como algum outro espírito que vibre nessa mesma sintonia e venha tomar o lugar dele (Wania, roda de conversa, 18/08/2025).

A narrativa também constitui papel importante na cura espiritual. É uma forma de interpretação da experiência individual e coletiva nos contextos terapêuticos e religiosos. As pessoas dão sentido às suas vivências através das histórias que contam, tornando-se crucial para a compreensão do fenômeno como um todo. A própria linguagem emocional usada para contar uma experiência pode ser mais reveladora do que a descrição técnica de um ritual ou terapia (Maluf, 1999).

Nesse sentido, a cura na Apometria pode ser entendida como um processo de educação da percepção (Ingold, 2010) e de reorganização da experiência. Não se trata apenas

de restaurar a saúde física, mas de transformar modos de sentir, pensar e agir no mundo. A prática promove deslocamentos subjetivos que abrem novas possibilidades de existência, reorganizando não apenas a relação do indivíduo com seu corpo, mas também com sua história, seus vínculos e seu entorno.

4.2 As fronteiras entre ciência e religião na Antropologia

Ao me aprofundar sobre a Apometria, existiam alguns pontos que me chamavam a atenção, como a reafirmação dela como técnica. Assim, conseguia interpretar essa afirmação como uma tentativa de se desassociar do domínio da religião, onde a cura ocorre apenas pela fé, se aproximando da ciência. Esse movimento me remontou a uma grande discussão dentro da Antropologia sobre como as curas espirituais ainda eram vistas como algo associado a crenças primitivas, vinculadas ao animismo.

A separação entre ciência e religião constitui um dos pilares do pensamento moderno ocidental. Desde o Iluminismo, a razão foi construída como princípio de verdade, enquanto o religioso passou a ser interpretado como domínio das crenças, das emoções e da subjetividade. Essa divisão, que estruturou a visão moderna de mundo, consolidou o ideal de uma ciência neutra e universal, ao mesmo tempo em que relegou o sagrado à esfera privada e irracional. No entanto, essa oposição não é natural nem permanente; trata-se de uma construção histórica que organizou modos específicos de conhecer, sentir e experienciar o mundo. A Antropologia, desde seu surgimento, esteve situada nesse campo de tensões, ora reafirmando o paradigma moderno, ora questionando seus limites.

O próprio termo “espiritualidade” precisa ser refletido e questionado acerca de seu papel como categoria analítica. Segundo Rodrigo Toniol (2024), o foco não é definir o que é espiritualidade, mas sim investigar como ela opera e os efeitos que produz, destacando que essa categoria se consolidou como um produto histórico de processos discursivos modernos, muitas vezes sendo mobilizada em oposição ou como alternativa à religião institucionalizada e ao secularismo. A institucionalização da espiritualidade em áreas como a saúde, sugere que ela desempenhe um papel político e nem um pouco neutro na reconfiguração das fronteiras entre o religioso e o secular (Toniol, 2024). Assim sendo, há uma ambiguidade gramatical com o uso do termo, podendo ser colocado como substantivo; designando um fenômeno em si, um fato com características nominais própria, como “*self spirituality*”, “*holistic spirituality*” e etc. Desta forma, pode ser utilizado institucionalizar o contexto, torná-lo mensurável, pesquisável, legítimo.

Já o termo como adjetivo, qualifica pessoas e coisas. Nesse caso, “espiritual” não define um campo separado, mas um modo de ser ou agir, algo que atravessa outras dimensões da vida (ética, afetiva, corporal, relacional). Na Antropologia, esse uso adjetivo é mais próximo da experiência vivida, o espiritual como qualidade do sentir, do corpo, do mundo. Nas terapias apométricas, o adjetivo espiritual indica um tipo de ação ou sensibilidade, e não um sistema doutrinário ou uma categoria abstrata.

A espiritualidade, neste contexto, não é o oposto da ciência, mas um produto de sua expansão. Ela entra no discurso científico como dimensão mensurável da experiência humana, e isso cria uma forma de religiosidade compatível com a racionalidade moderna, uma espiritualidade terapêutica e laica. Toniol (2024) chama isso de “regime espiritual de saúde”: um modo de pensar e praticar o cuidado de si que combina saberes científicos e morais, médicos e espirituais. Esse regime não nega a ciência, mas a amplia, transformando o espiritual em algo “tratável”, “pesquisável” e “prescritível”.

Na Apometria, essa tensão entre ciência e espiritualidade se torna particularmente evidente. A prática se apresenta como uma técnica terapêutica, com procedimentos sistematizados, linguagem técnica e protocolos de aplicação, o que lhe confere um estatuto de racionalidade próximo ao científico. Ao mesmo tempo, seus fundamentos se enraízam em concepções espirituais de corpo, alma e energia, que ultrapassam o modelo biomédico de causalidade. Esse duplo pertencimento evidencia o que Chiesa (2020) denomina de “paradoxo espírita”, o esforço de legitimar o espiritual pelo discurso da ciência, sem negar o caráter transcendente da experiência. Nesse sentido, a Apometria não rompe com a espiritualidade, mas a reinscreve em um registro técnico, onde o corpo é compreendido como campo energético permeável e expansível, capaz de ser manipulado, curado e equilibrado por meio da vontade e da palavra.

A trajetória da Apometria também explicita a complexa relação entre ciência e religião na modernidade. Desde suas origens com o Dr. José Lacerda de Azevedo, a técnica buscou se diferenciar de práticas religiosas, apresentando-se como um método científico de manipulação de energias. Ao mesmo tempo, sua eficácia é constantemente associada à presença de guias espirituais e entidades, o que a aproxima das práticas religiosas. Esse movimento híbrido pode ser compreendido à luz dos debates sobre secularismo: não se trata da separação absoluta entre ciência e religião, mas da criação de novas formas de organizar a experiência com o sagrado. Talal Asad (2003) mostra que o secular não elimina o religioso, mas o redefine.

Aqui abrimos para essa questão do discurso científico do Espiritismo e como a Apometria flerta com a filosofia espírita. O espiritismo nasce junto com as novas ideias que eclodiram no século XIX, tem seu berço na França, ancorado a inspirações positivistas. A denominação “Espiritismo” vem após o início de sua prática, no século XIX com uma atividade grupal que começa a ficar famosa por curiosos e amantes do sobrenatural, as mesas girantes. É certo que muitas dessas reuniões continham os charlatões e aqueles que realmente levavam a sério. Nesse contexto encontramos a figura de um pedagogo e pesquisador, que se interessa pela prática e se compromete a estudar e escrever sobre esses fenômenos. Hippolyte Leon Denizard Rivail, ou mais precisamente, Allan Kardec, este que, devido ao seu contexto, flerta com o cientificismo e o racionalismo, se dedica ao estudo dos fenômenos paranormais escrevendo o *Pentateuco*, cinco livros fundamentais para quem deseja adentrar ao espiritismo. O termo “Espiritismo” é gerado por Kardec, que liga essa prática a algo científico e não materialista.

Entendemos que o cientificismo e o positivismo eram ideias que estavam explodindo pela Europa, e consequentemente, essas ideias refletiam no Brasil do século XIX, com uma Família Real que valorizava a ciência e sobretudo ideias europeias. No Brasil, o Espiritismo se insere em dois polos, primeiramente na Bahia com o jornalista e professor Luís Olímpio Teles de Menezes e a fundação do primeiro centro espírita brasileiro. E no Rio de Janeiro, torna-se popular com a Família Real como menciona Lins e Weber (2015):

Nas duas últimas décadas do Império, o espiritismo viverá uma expressiva expansão em direção aos principais centros urbanos do Brasil, e em especial sua capital, o Rio de Janeiro. Essa primeira expansão do espiritismo no Brasil será alimentada pela sua difusão entre os círculos mais intelectualizados do Império, e notoriamente da corte, ambos fortemente influenciados pelos modismos culturais provenientes da França (Lins; Weber, 2015, p. 1576).

Porém, em um contexto mais específico, com a popularização do Espiritismo, alguns acabam surgindo na passagem de Império para República, onde certas práticas que eram consideradas charlatanismo e curandeirismo passam a ser crime. É neste momento, que o Espiritismo como uma filosofia, cientificista e laica, se constrói como religião como meio de driblar o Código Penal de 1890. Diante desse cenário, encontramos vertentes que ligam Espiritismo com apenas a filosofia não materialista, científica e outra linha que coloca o espiritismo como religião, dando origem até mesmo à Umbanda:

Dentro desses movimentos críticos encontravam-se vertentes que tendiam tanto a um aprofundamento do carácter religioso, ampliando os limites do espiritismo e incorporando elementos de outras matrizes culturais, tal como fez a Umbanda e outras tantas crenças esotéricas e místicas, quanto as que defendiam um espiritismo científico, experimental e filosófico, livre das limitações que estes observavam em um espiritismo moralista e religioso (Lins; Weber, 2015, p. 1579).

Dentro do kardecismo não há limite entre “ciência” e “religião”, assim como o pensamento ocidental moderno separa. Logo não há dualismos existentes ligados a esses conceitos, o que gerou desafios para o espiritismo ao tentar implementar seu componente científico (Lewgoy, 2006). Penso o Espiritismo como algo que se pense como concreto, dado todo seu contexto histórico; esse que foi aprendido, executado e experimentado como exitoso. Percebo uma certa analogia com o modo em que se operou o nascimento da técnica de Apometria, mas também certa necessidade de desvincular esta do espiritismo, classificando-a como uma técnica espiritualista; e veja bem, esses dois conceitos são bastante distintos. Em todos os casos um lugar central é ocupado pela noção de espiritualismo ou espiritualidade, segundo a qual existe algo além do material, ou seja, o Mundo Invisível seria essa espiritualidade e é com esse conceito que o Dr. Lacerda trabalha na Apometria.

A hipnometria de Luiz Rodriguez não está ligada ao religioso, como é o caso do Dr. Lacerda. Ela é algo somente científico, o que conseguimos compreender após conhecermos o berço do espiritismo, a ideia do kardecismo no Brasil e na América Latina, na qual teve o contato com o espiritismo de uma forma diferente, por ter sido colonizada e ter a raiz cristã católica, ela recebe o ideal espírita de uma forma diferente mesclando com essas raízes religiosas.

Isso já é muito perceptível quando vemos elementos de outras religiões - católica, umbanda, budista, maoísta - presentes na formação das ideias apométricas, como por exemplo a noção do corpo sendo ele ao mesmo tempo físico, etéreo e astral e a necessidade de se alinhar os chakras para que seja possível tratar o corpo como um todo, além das entidades da Umbanda que trabalham junto aos médiuns, prática condenável dentro do Espiritismo Kardecista (conservador). Isso também é perceptível nos próprios instrumentos e procedimentos utilizados pelo operador dos comandos.

4.3 Secularização e a transformação do religioso

Em um debate acerca de religião e secularismo, dois autores são muito importantes para construir essa discussão. Bruno Latour e Talal Asad, são autores contemporâneos que Emerson Giumbelli (2011) traz para comentar sobre essa discussão no texto “A noção de crença e suas implicações para a modernidade: um diálogo imaginado entre Bruno Latour e Talal Asad”. O autor entende que embora a modernidade tenha fragilizado ontologicamente

a crença ao torná-la um projeto crítico, ela também a incorporou positivamente no princípio da “liberdade de crença”. Latour nesse sentido, foca na separação epistemológica que a crença impõe, enquanto Asad foca na genealogia histórica e política que marginaliza a religião.

As reflexões de Bruno Latour (2011) sobre o modo de enunciação religioso contribuem para reabrir a discussão clássica na Antropologia sobre as fronteiras entre ciência e religião. Ao propor que a religião não deve ser compreendida como um sistema de crenças, mas como um modo particular de enunciação, ele desloca o foco do conteúdo para o efeito da palavra religiosa, ou seja, para sua capacidade de transformar os sujeitos e produzir presença. Sua crítica à noção moderna de crença revela que essa categoria está enredada em uma lógica de separação entre sujeito e objeto, instaurada pela modernidade. Nesse sentido, a modernidade não apenas opõe ciência e religião, mas cria ambas como domínios distintos e complementares: o científico como o espaço do saber objetivo, e o religioso como o território das crenças subjetivas. Ao afirmar que “um moderno é aquele que crê que os outros creem”, Latour expõe a ironia desse projeto, ao denunciar o “fetichismo” dos outros, o pensamento moderno constrói sua própria idolatria, a da ciência como única mediadora legítima entre o humano e o mundo.

Assim, para Latour (2011), os modernos tentam entender a religião como se fosse ciência, contendo informações e provas. No entanto, a religião não funciona desta forma; ela não quer provar nada, mas sim transmitir uma mensagem. Quando os modernos não encontram provas da religião, dizem que ela é subjetiva. Mas Latour menciona que a religião não é só sentimento ou imaginação, ela é uma forma diferente de falar e agir no mundo.

Essa crítica ecoa a de Talal Asad (2011), que identifica no secularismo o mesmo gesto fundador: o de produzir o religioso como diferença para sustentar a autoridade do secular. Assim, tanto Latour quanto Asad mostram que a dicotomia ciência/religião, longe de expressar esferas naturais da experiência humana, é o resultado de uma história específica de separações e purificações que moldou a própria forma moderna de pensar.

Talal Asad, afirma que a construção do conceito de religião só existe porque a modernidade deu à luz o secularismo, logo os dois para ele são “gêmeos siameses” onde um só existe porque o outro também existe. Ele ainda critica a definição de Geertz, que separa o sistema simbólico do domínio do poder, mencionando que a separação entre “símbolo” e “prática/poder” é problemática, pois a estabilidade da atividade e experiência de um cristão não é dada apenas pela devoção, mas também pelas instituições sociais, políticas e econômicas em geral. Asad conclui que “o que parece aos antropólogos hoje que a religião

é essencialmente uma questão de significados simbólicos ligados a ideias de ordem geral é, na verdade, uma visão que tem uma história cristã específica” (Giumbelli, 2011).

Assim sendo, o Estado secular define a religião e onde suas fronteiras devem estar. Essa discussão acerca do secularismo, que Talal Asad propõe, me veio à mente assim que descobri o motivo pelo qual o grupo Amor e Caridade não se reuniam mais no local em que eu acompanhei em que eles se reuniam desde 2017. Retomando a fala de Cajamar:

Na verdade, a propriedade é oficialmente do grupo espírita Casa de Adair, e o grupo espírita arrendava para a prefeitura as atividades da creche. Porém num determinado momento da gestão, quando foi se renovar o contrato, começaram a fazer algumas exigências; uma delas é que não se era mais permitido o compartilhamento das duas atividades paralelas, as de dedicação exclusiva à creche, e no período noturno e finais de semana, casa espírita. É como se fosse um aluguel, eles pagam é um aluguel na verdade. Então direito exclusivo deles. É por conta disso que a gente teve que se afastar do prédio, continua sendo propriedade do grupo espírita. Essa exigência a gente não sabe se foi por motivos religiosos. Pra nós foi uma surpresa porque até então era um processo muito tranquilo, mas a partir de uma determinada gestão mudou-se toda a história (Cajamar, entrevista, 09/04/2025).

Esse caso descrito é uma materialização concreta desse processo. O grupo espírita, que dividia o espaço com a creche municipal, é removido quando a gestão pública reforça que aquele ambiente deve ter “dedicação exclusiva” às atividades escolares, isto é, não pode haver sobreposição entre o religioso e o público. Mesmo que essa decisão seja justificada burocraticamente (“por contrato”, “por gestão”), ela atua sobre o que pode ser considerado legítimo no espaço público e, portanto, é uma prática de secularização. Logo, o Estado secular não é neutro: ele define e regula os limites do religioso, dizendo onde ele pode existir e sob quais condições. A decisão de proibir o compartilhamento do espaço escolar entre o grupo espírita e a creche é uma forma prática de produção do secular, a aplicação concreta dessa fronteira moderna entre fê e política, espiritual e educacional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada etnográfica empreendida nesta dissertação dedicou-se a adentrar o complexo universo da Apometria com o grupo “Amor e Caridade”, em Campo Grande/MS. Longe de ser um mero estudo sobre “crenças”, esta pesquisa se estabeleceu como uma etnografia sensorial do fazer apométrico, explorando o modo como essa prática se corporifica, cura e atribui sentido em um campo religioso-terapêutico híbrido.

A Apometria não é apenas como um braço do espiritismo, mas uma “técnica” sofisticada e metódica. Diferenciando-se pela ênfase em comandos específicos e pulsos mentais, a Apometria se reveste de um discurso de precisão e objetividade que a afasta da religião e a aproxima da linguagem terapêutica. Sendo assim, o corpo é o instrumento e o *locus* fundamental da cura.

A doença é entendida não como um defeito biológico isolado, mas como uma desarmonia ou um aprisionamento espiritual que se manifesta em alguma das camadas do corpo do indivíduo. Nesse sentido, o corpo apométrico é totalidade, o palco onde a experiência espiritual se realiza e a cura se efetiva, sendo o médium o agente que, através da sua própria corporeidade e afetação, manipula essa realidade multidimensional.

A eficácia da cura apométrica transcende a simples eficácia simbólica, imbuindo-se de um caráter que é técnico e relacional. Percebo que a cura é um produto da relação de grupo, dependente da energia de todos os membros, da intenção de curar e da narrativa que o paciente constrói e na qual é acolhido.

A cura, portanto, não é meramente a ausência de sintomas; é a reconstrução corporal, que dá novo sentido para a vida do paciente, ressignificando seu sofrimento à luz de uma lógica cármica e espiritual que é resolvida por meio de uma intervenção metódica e precisa.

Desta forma, a Apometria se insere de maneira emblemática no diálogo entre ciência e espiritualidade que marca a contemporaneidade. O uso de termos como “pulsos mentais”, “desdobramento” e “comandos” confere à prática um verniz de cientificidade ou, no mínimo, de objetividade metodológica. Tal discurso reflete a individualização da espiritualidade e sua crescente busca por legitimação no campo da saúde, um movimento que encontra ressonância em órgãos internacionais como a Organização Mundial da Saúde (OMS).

A relevância antropológica desta pesquisa reside em demonstrar que, no campo da Apometria, ciência e crença não são opostos inconciliáveis, mas sim complementares e

tensionais. A prática se fortalece ao dialogar com a necessidade moderna de precisão e resultados, enquanto mantém um profundo enraizamento na experiência espiritual.

Em última análise, a Apometria é um objeto de estudo valioso por iluminar as estratégias pelas quais os sistemas terapêuticos espirituais contemporâneos navegam e se estabelecem na sociedade. Ela prova que, na busca por bem-estar e cura, a dimensão espiritual e a redefinição do corpo continuam sendo forças poderosas e criativas, desafiando as fronteiras conceituais e oferecendo um caminho de sentido onde a ciência tradicional encontra seus limites.

Por fim, trago uma observação que fiz dentro da Apometria, e que conclui o fim desta pesquisa. Os médiuns que acompanhei seguem um conhecido conceito advindo do espiritismo: nada é por acaso. Essa máxima traduz a compreensão de que cada experiência da vida, seja uma enfermidade, um encontro, uma perda, ou até mesmo o caminho pelo qual o médium seguiu por estar trabalhando com a Apometria, possui um sentido espiritual, inscrito em redes de aprendizado e evolução da alma. Em um dos encontros de estudos, em nossa roda de conversa, questionei aos médiuns como era a questão da reencarnação; se a Apometria conseguiria cortar com o ciclo do karma de vidas passadas, fazendo com que o espírito do sujeito hoje (vivo) possa evoluir e não mais desencarnar:

Essa energia de passado quando ela é tratada, ela é simplesmente para que você, nesse atual momento da sua vida (que vai ser passado em alguma outra sua vida), consiga compreender alguma coisa que deixou marca profunda no seu espírito e que você carregou para essa encarnação. Ela é um tratamento. Tá? Por exemplo, você tem medo de água, o que que é o medo da água? Em algum momento da sua encarnação, lá da sua vida passada, você teve uma situação com água que foi muito forte, você criou um bloqueio energético (Wania, roda de conversa, 18/08/2025).

Desta forma, entendo a necessidade de evolução do sujeito, de seus atos, pois segundo meus interlocutores, não é apenas com o tratamento da Apometria que a cura ocorre; é necessário entender o que a pessoa (paciente) está fazendo, como ela age com o próximo, e até mesmo com si próprio. Essa autovistoria é importante não só para seu entorno social (caso o paciente se queixe de problemas de relacionamentos), mas também para a saúde. Lea conta de um caso no centro espírita que frequenta: “Uma vez, uma mulher falou assim: ‘Ah, eu queria fazer uma regressão para saber o que eu fui’. Aí o seu Mourão só falou assim: ‘Veja as suas atitudes atuais’. Ela era assim... tudo que você tinha, ela queria melhor. Era uma inveja”.

Percebo essa constante necessidade de evolução do ser na Apometria, e como ela está atrelada ao que Tim Ingold (2015) propõe a respeito da malha de linhas emaranhadas da vida. Assim sendo, ela promove como um movimento incessante de abertura e não de encerramento. A existência é um processo constante, e não uma propriedade interna de um

objeto. Segundo ele, o mundo é um emaranhado de linhas e caminhos. Cada linha na malha descreve um fluxo de substância material em um espaço topologicamente fluido. É uma "grande tapeçaria da Natureza que a história está tecendo", onde os seres "costuram seus próprios caminhos através da malha" e, ao fazê-lo, contribuem para sua "trama em constante evolução" (Ingold, 2015, p. 158).

Entendo que *estar vivo*, segundo Tim Ingold, é habitar relações contínuas, não ocupar uma posição fixa, mas mover-se dentro dessas relações. A vida então, seria feita de linhas de movimento que se cruzam, seja nos nossos passos, gestos, afetos e aprendizagens. Pensando ainda na ideia de malha de linhas emaranhadas da vida, houve uma fala de Wania que muito me chamou a atenção durante a roda de conversa:

A espiritualidade, ela trabalha de uma forma muito assim, para gente, ser humano encarnado, incompreensível em alguns pontos. Mas para espiritualidade é um planejamento estratégico muito bem feito, muito bem alinhado. Ele é capaz de colocar um pai numa vida sendo filho e vice-versa ou sendo marido e vice-versa. Ela é capaz de colocar inimigos dentro da mesma família ou fora dessa outra dessa família. Então, para a espiritualidade não tem essas divisões que a gente coloca. Existe interesses, existe evolução, tudo é evolução. Às vezes você pega, por exemplo, dentro de um grupo de amigos, pessoas que não são boas para você. Aquilo ali é... por mais que elas sejam só amigas, algum momento da sua vida passada, ela passou por você. Então ela está ali para te ensinar alguma coisa. Não existe laço que não seja construído dentro de uma rede. Então hoje eu estou sentada aqui na tua frente porque em algum momento das suas vidas passadas ou agora a gente pode estar construindo isso, mas eu fiz parte do teu caminho. Entendeu? (Wania, roda de conversa, 18/08/2025).

Observo a partir dessa fala e da teoria de Ingold, que os acontecimentos, assim como Wania comenta, não são por acaso, mas são resultados de conexões invisíveis que atravessam a existência. Como foi apresentado, para Ingold (2015) a vida não é uma sequência de fatos fragmentados, mas um fluxo contínuo de linhas que se entrelaçam. Se no espiritismo tais linhas se explicam por vínculos cármicos e pela atuação de entidades espirituais, em Ingold elas se constituem como correspondências tecidas no próprio viver, nos gestos, afetos e movimentos do corpo no mundo. Em ambos os casos, a vida é concebida como um tecido relacional, em que cada acontecimento faz parte de um todo mais amplo, negando a ideia de acaso como ausência de sentido.

REFERÊNCIAS

ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. **Cadernos de Campo (São Paulo-1991)**, v. 19, n. 19, p. 263-284, 2010.

AZEVEDO, Aina. Desenho e antropologia: recuperação histórica e momento atual. **Cadernos de arte e antropologia**, v. 5, n. 2, p. 15-32, 2016.

BRUM, Asher; CABRAL FILHO, Oclécio Alves. A magia como objeto de estudo da antropologia: de Frazer À Levi-Strauss. **TRIVIA: Estudos interdisciplinares sobre as práticas da magia na Antiguidade, Vassouras**, v. 1, p. 17-24, 2023.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Entre o carma e a cura: tensão constitutiva do Espiritismo no Brasil. **PLURA Revista de Estudos de Religião/Anais do XIV Simpósio Nacional da ABHR**, Juiz de Fora, v. 7, n. 1, p. 230-251, 2016.

CASTRO, Marina Ramos Neves de. A antropologia dos sentidos ea etnografia sensorial: dissonâncias, assonâncias e ressonâncias. **Revista de Antropologia**, v. 64, n. 2, p. 1-20, 2021.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O mundo invisível: cosmologia, sistema ritual e noção de pessoa no espiritismo**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais 2008.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **O QUE É O ESPIRITISMO**. Segunda Visão Antropológica. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 5, p. 173-191, 1991.

CHIBENI, S. Ciência espírita. **Revista Internacional de Espiritismo**, p. 45-52, mar. 1991.

CHIESA, Gustavo Ruiz. Ciência e/ou religião: esboço do paradoxo espírita em três atos. **Revista Desigualdade & Diversidade**, n. 19, p. 37-57, 2020.

CHIESA, Gustavo Ruiz. “A sua religião é a Antropologia”: histórias e (des) caminhos de um antropólogo-aprendiz em um terreiro de Umbanda. **Religião & Sociedade**, v. 40, p. 215-236, 2020.

CLIFFORD, James. **Sobre a autoridade etnográfica**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

CSORDAS, Thomas. **Corpo, significado e cura**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

DE AZEVEDO, José Lacerda. **Espírito/Matéria**. Porto Alegre: Editora VEC, 2002.

DOS SANTOS, Ana Clara Sousa Damásio. **Fazer-Família e Fazer-Antropologia: Uma Etnografia Dentro de Casa**. Curitiba: Editora Appris, 2025.

DOS SANTOS, Ana Clara Sousa Damásio. A INTIMIDADE DO PARENTESCO: E os pedaços da minha mãe. **ILUMINURAS**, v. 24, n. 64, p.192-203, 2023.

DOS SANTOS, Ana Clara Sousa Damásio. Entre comidas, presenças e distâncias:: notas sobre parentes, fluxos e substâncias. **Wamon-Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM**, v. 8, n. 2, p. 163-182, 2023.

DOS SANTOS, Ana Clara Sousa Damásio. “Olho de Parente” e o “Olho Estranho”: Considerações etnográficas sobre Viver, Olhar, Ouvir, Escrever e Permanecer. **Novos Debates**, Brasília, v. 7, n. 1, p. 2-17, 2021.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa: (o sistema totêmico na Austrália)**. São Paulo: Editora Paulus, 2001.

GOLDMAN, Marcio. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. **Cadernos de campo**, v. 13, n. 13, p. 149-153, 2005.

FRAZER, James George, and Mary Douglas. **O ramo de ouro**. Círculo do Livro, 1978.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. 1. ed. **Rio de Janeiro: LTC**, 2008.

GOLDMAN, Marcio. Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica. Etnográfica. **Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 10, n. 1, p. 159-173, 2006.

DE ALMEIDA, A. M.; DE ALMEIDA, T. M.; GOLLNER, A. M. Cirurgia espiritual: uma investigação. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 46, n. 3, p. 194-200, 2000

GIUMBELLI, Emerson. A noção de crença e suas implicações para a modernidade: um diálogo imaginado entre Bruno Latour e Talal Asad. **Horizontes antropológicos**, v. 17, p. 327-356, 2011.

HUBERT, Henri; MAUSS, Marcel. Esboço de uma teoria geral da magia. **Marcel Mauss, Antropologia e Sociologia**. São Paulo: Cosac & Naify p. 47-181, 2003.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação. Porto Alegre**, v. 33, n. 1, p. 06-25, 2010.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

Larson, James S. “The World Health Organization’s Definition of Health: Social versus Spiritual Health.” *Social Indicators Research*, vol. 38, no. 2, p. 181–192, 1996.

KUSCHNIR, Karina. A antropologia pelo desenho: experiências visuais e etnográficas. **Cadernos de arte e antropologia**, v. 5, n. 2, p. 5-13, 2016.

LÉVIS-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. Campinas: Editora Papirus, 1990.

LEWGOY, Bernardo. Representações de ciência e religião no espiritismo kardecista: antigas e novas configurações. **Civitas: revista de ciências sociais**. Porto Alegre, v. 6, n. 2 (jul./dez. 2006), p. 151-167, 2006.

LINS, Dalvan Alberto Sabbi; WEBER, Beatriz Teixeira. Religião e Ciência: a apometria entre dois mundos. In: XIV SIMPÓSIO NACIONAL DA ABHR, v. 14, 2015, Juiz de Fora, MG. **Anais Simpósio Nacional da ABHR**. Juiz de Fora: Editora Vozes, 2015. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/anais/article/view/940>. Acesso em: 17 nov. 2025.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Mystica urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole**. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Magia, Ciência e Religião**. Ed. Vozes. 2022.

MALUF, Sônia Weidner. Mitos coletivos, narrativas pessoais: cura ritual, trabalho terapêutico e emergência do sujeito nas culturas da "Nova Era". **Mana**, v. 11, n. 2, p. 499-528, 2005.

MALUF, Sônia Weidner. Antropologia, narrativas e a busca de sentido. **Horizontes antropológicos**, v. 5, n. 12, p. 69-82, 1999.

MALUF, Sônia Weidner. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 9, n. 9, p. 87-101, 2001.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Casac Naify, 2003. Parte 6, p. 399-422.

MERLEAU-PONTY, Maurice et al. **Phenomenology of perception**. London: Routledge, 2013.

PEIRANO, Mariza GS. A favor da etnografia. **Anuário antropológico**, v. 17, n. 1, p. 197-223, 1993.

PEIRANO, Mariza. **O dito e o feito**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

PINHEIRO, Leandro Rogério. Rodas de conversa e pesquisa: reflexões de uma abordagem etnográfica. **Pro-Posições**, v. 31, p. e20190041, 2020.

PUSSETTI, Chiara. Quando o campo são emoções e sentidos. Apontamentos de etnografia sensorial. **Trabalho de campo: envolvimento e experiências em antropologia**, Lisboa: ICS Imprensa de Ciências Sociais, p. 39-56, 2016.

RABELO, Miriam CM. Religião e a transformação da experiência: notas sobre o estudo das práticas terapêuticas nos espaços religiosos. **Ilha Revista de Antropologia**, v. 7, n. 1, 2, p. 125-145, 2005.

RABELO, Miriam. A construção do sentido nos tratamentos religiosos. **Reciis**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 3-11 2010.

RABELO, Miriam. Estudar a religião a partir do corpo: algumas questões teórico-metodológicas. **Caderno Crh**, v. 24, n. 61, p. 15-28, 2011.

RODRIGUES, Karine Mendonça. **Apometria: do centro espírita ao consultório, o ritual e as implicações quanto à eficácia simbólica**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)

– Instituto de filosofia e ciências humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 104. 2016

SÁEZ, Calavia Oscar. **Esse obscuro objeto da pesquisa**. Um Manual de método, técnicas e teses em antropologia. Edição do autor, 2013.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE APOMETRIA. **Curso oficial de Apometria**. 2006.

TONIOL, Rodrigo. Thomas Csordas. In: MENEZES, Renata; TEIXEIRA, Faustino. **Antropologia da Religião**. Petrópolis: Vozes, 2023.

TONIOL, Rodrigo. Espiritualidade que faz bem: Pesquisas, políticas públicas e práticas clínicas pela promoção da espiritualidade como saúde. **Sociedad y religión**, v. 25, n. 43, p. 110-146, 2015.

TONIOL, Rodrigo. Espiritualidade e ciências sociais: dois ou três comentários sobre o debate teórico. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religiã**, Campinas v. 26, p. 1-25, 2024.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 1 – 13.

WESTPHAL, Vera Herweg. A individualização em Ulrich Beck: análise da sociedade contemporânea (Individualization in Ulrich Beck: an analysis of contemporary society). **Emancipação**, v. 10, n. 2, p. 419-433, 2010.